

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

A QUALIDADE CONJUGAL E OS ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS

Tese de Doutorado

Clarisse Mosmann

Prof^a. Dr^a. Adriana Wagner

Orientador

Porto Alegre, junho de 2007.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

A QUALIDADE CONJUGAL E OS ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS

CLARISSE MOSMANN

Tese Apresentada como requisito para
obtenção do grau de Doutor, pelo
Programa de Pós – Graduação da
Faculdade de Psicologia da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Orientadora: Prof. ^a. Dr^a. Adriana Wagner

Porto Alegre, junho de 2007.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

Clarisse Mosmann

A QUALIDADE CONJUGAL E OS ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Adriana Wagner

Presidente

Prof.^a. Dr.^a. Terezinha Féres-Carneiro

PUC-RJ

Prof.^a Dr.^a Olga Garcia Falceto

UFRGS

Prof.^a. Dr.^a. Denise Falcke

FACCAT

Agradecimentos

Inicialmente, agradeço à minha orientadora, professora Dra. Adriana Wagner, que desde os meus nove anos de idade, é minha mestra. Desde então, ela tem sido um modelo, no início, de profissional e, à medida que fui crescendo se tornou também um modelo de ser humano, o qual ajudou a nortear-me até este momento. Ademais, agradeço-a por sua imensa generosidade que propiciou a produção não só deste, como de muitos outros trabalhos.

Ao meu noivo Fernando, que com seu amor me deu forças para seguir adiante, acenou-me a existência de um futuro, e a perspectiva da realização de muitos e muitos sonhos que, até nos encontrarmos eram de cada um de nós, e desde então, passaram a ser por nós compartilhados.

À minha mãe pelo amor incondicional e por ter sempre apostado em mim como ser humano, nesta e, em tantas outras jornadas. Essa confiança acompanhou-me nos momentos mais difíceis deste trajeto e tenho certeza, seguirá sempre dentro de mim.

Ao meu pai que me ensinou a não desistir nunca e enfrentar as dificuldades de frente, aprendizados que foram determinantes para que eu superasse todos os obstáculos deste doutorado.

À minha amada irmã, Luciana, que sempre foi e sempre será meu porto seguro e que, mais uma vez, dividiu comigo muitas angústias e fez com que eu me sentisse protegida. Da mesma forma meu cunhado/irmão Felipe, que sempre esteve ao lado dela dando-lhe suporte, para que ela pudesse me ajudar.

Aos pequenos, minha irmã Letícia e meu afilhado Enrico, sua existência é motivo de alegria e os agradeço pela milagrosa sensação de renovação da vida.

Ao professor Dr. José Antonio Ríos González, sem o qual eu não teria tido a oportunidade de realizar o início deste doutorado em Madrid, e com o qual aprendi o que significa ser terapeuta de família.

Ao professor Dr. Jorge Sarriera que desde a elaboração do projeto desta tese auxiliou-me com o seu sólido conhecimento e infindável paciência, acerca de minhas inúmeras dúvidas na área estatística.

Aos meus colegas de ontem, de hoje, e de sempre do grupo de pesquisa “Dinâmica das Relações Familiares”, que desde a minha época de iniciação científica fazem parte de um processo de construção conjunta de formação profissional. Especificamente à Cristina, Karina, Kelly, Jaqueline e a Patrícia que me ajudaram de forma muito carinhosa e eficiente na coleta de dados deste trabalho.

Às minhas colegas doutorandas, Juliana Predrebon com quem compartilhei a construção deste trabalho, Luiza Silveira e Luciana Gryzbowski que sempre foram companheiras de muitas inquietações.

Aos voluntários que participaram desta coleta de dados sem os quais este trabalho não teria sido possível.

Aos casais que dispuseram de seu tempo e sinceridade para responder a essa pesquisa.

Às minhas melhores amigas psicólogas, Carolina Beck e Priscilla Caioli que sempre dividiram comigo as vicissitudes desta profissão e da trajetória deste trabalho.

Às minhas eternas amigas, Fernanda Caldas, Fernanda Piva, Thaís Viera e Camila Nunes, que formam um círculo de apoio nesta e em muitas outras caminhadas.

Ao Alexandre agradeço por ter me incentivado no início deste doutorado e estado ao meu lado, durante o longo ano que vivi em Madrid.

*“Suba o primeiro degrau com fé.
Não é necessário que você veja toda a escada,
apenas dê o primeiro passo”.*
Martin Luther King Jr.

Sumário

| | |
|--|------------|
| <u>1.Introdução</u> | <u>10</u> |
| <u>2.Artigo I: Qualidade Conjugal: Mapeando Conceitos</u> | <u>14</u> |
| <u>3. Artigo II: Conjugalidade e Parentalidade: Um Modelo Correlacional</u> | <u>41</u> |
| <u>4. Artigo III: A Qualidade Conjugal como Preditora dos Estilos Educativos Parentais: O Perfil Discriminante de Casais com Filhos Adolescentes</u> | <u>72</u> |
| <u>5. Considerações Finais</u> | <u>105</u> |
| <u>6. Referências</u> | <u>108</u> |
| <u>7. Anexos</u> | <u>109</u> |
| Anexo A - Carta de Aceite do Comitê de Ética em Pesquisa – Pucrs | |
| Anexo B – Instrumento Feminino | |
| Anexo C – Instrumento Masculino | |

Resumo

Esta Tese de Doutorado investiga a relação entre a qualidade do relacionamento conjugal e os estilos educativos parentais. O trabalho é apresentado na forma de artigos, sendo um artigo de revisão crítica da literatura e dois artigos empíricos, preparados para serem encaminhados para periódico científico. O primeiro artigo apresenta uma revisão teórica da literatura na área da qualidade conjugal. Este artigo buscou definir o conceito de qualidade conjugal e para tanto analisou-se sete teorias que influenciaram as pesquisas sobre o tema de forma considerável. Através desta análise identificou-se três grupos de variáveis consideradas como fundamentais na definição da qualidade conjugal: os recursos pessoais dos cônjuges, o contexto em que está inserido o casal e os processos adaptativos. Desta forma, identificou-se que a qualidade conjugal é resultado de um processo dinâmico do casal e por esse motivo é conceito multidimensional. O segundo artigo teve como objetivo analisar como se associam as variáveis da conjugalidade: adaptabilidade, coesão, satisfação e conflito conjugal e as dimensões da parentalidade que compõe os estilos educativos parentais: responsividade e exigência. Para tanto foi proposto um modelo conceitual correlacional entre a conjugalidade e a parentalidade, o qual foi testado através de uma análise de correlação. Para realizar este estudo foi utilizada uma amostra de 149 casais com, no mínimo, um filho adolescente, residentes na capital e no interior do estado do Rio Grande do Sul. Foi utilizado um questionário composto de quatro escalas. Os resultados sustentam o modelo inicialmente proposto, quase que em sua totalidade, e as relações entre as variáveis mostraram-se nas direções esperadas. Esses achados nos indicaram a relevância da relação sistêmica e interativa entre a conjugalidade e a parentalidade. O terceiro artigo buscou identificar um perfil dos casais apresentados no artigo dois no que se refere à relação entre a qualidade conjugal e os estilos educativos parentais. Para tanto, realizou-se uma análise discriminante que visou analisar como as dimensões da qualidade conjugal, adaptabilidade, coesão, satisfação e conflito conjugal se expressam nos estilos educativos parentais. Os resultados mostraram, através dos perfis desses casais, que as dimensões da qualidade conjugal se expressam de forma evidente nas dimensões responsividade e exigência, que compõe os estilos educativos parentais. De forma geral, entre os principais resultados desta tese estão a comprovação da importância da qualidade conjugal na relação pais e filhos; o caráter dinâmico, interativo e bidirecional da relação entre a conjugalidade e a parentalidade; a evidência da expressão das características pessoais dos cônjuges tanto na conjugalidade quanto na parentalidade; e a necessidade de promoção de intervenções com casais no sentido de enriquecer suas habilidades pessoais e parentais.

Palavras-Chave: Qualidade Conjugal, Estilos Educativos Parentais, Relação entre subsistemas.

Área conforme classificação do CNPq:
Área de Conhecimento: Ciências Humanas
7.07.00.00 – 1 – Psicologia

Abstract

This doctoral thesis investigates the relation between the quality of the marital relationship and the parental rearing styles. The work is presented in the form of articles: one of them is a critical review of the literature and the other two are empirical ones written to be sent to a scientific journal. The first article presents a theoretical review of the literature in the area of marital quality. This article aimed to define the concept of marital quality and therefore seven theories which influenced the researches about the subject in a considerable way were analysed. Through this analysis it was identified three groups of fundamental variables in the definition of conjugal quality: the personal resources of the spouses, the context in which the couple is inserted and the adapting processes. In this way, it was identified that the conjugal quality is a result of a dynamic process of the couple and for this reason it is a multidimensional concept. The objective of the second article was to analyse how the variables of a marital relationship get associated: adaptability, cohesion, satisfaction and marital conflict as well as the dimensions of parenting which compose the parental rearing styles: responsiveness and demand. Therefore it was proposed a correlational conceptual model between marital relationship and parenting which was tested through an analysis of correlation. In order to carry out this study it was used a sample of 149 couples with at least a teenage child living in the capital or in the countryside of Rio Grande do Sul state. It was used a questionnaire composed of four scales. The results support the model initially proposed almost in its totality and the relations among the variables appeared to be in the expected directions. These findings indicated us the relevance of the interactive relation between marital relationship and parenting. The third article aimed to identify a profile of the couples presented in the second article where the relation between marital quality and parental rearing styles are concerned. Thus, it was carried out a discriminating analysis which was aimed at analysing how the dimensions of marital quality, adaptability, cohesion, satisfaction and marital conflict express themselves in the parental rearing styles. The results showed through the profiles of these couples that the marital quality dimensions express themselves in an evident way in the dimensions of responsiveness and demand, which compose the parental rearing styles. Overall, among the main results of this thesis are the confirmation of the importance of the marital quality in the parent-child relationship; the bidirectional, interactive and dynamic character between marital relationship and parenting; the evidence of the expression of the spouses' personal characteristics in the marital relationship as well as in the parenting; and the necessity of promoting interventions with couples as a way of enriching their parental and personal abilities.

Key words: marital quality, parental rearing styles, subsystems relations.

Introdução

O Relato da Trajetória da Pesquisa

As mudanças macroestruturais da sociedade ocidental se expressam de forma evidente no microsistema familiar. A interdependência dessas dimensões contextuais, macro e micro sistêmicas, demanda um olhar complexo sobre as relações que se estabelecem na intimidade das famílias.

Nesta perspectiva, observa-se uma crescente preocupação em pesquisar temas relacionados a compreender a dinâmica familiar, especialmente a relação pais-filhos. A busca por respostas de como educar os filhos, e sobre quais práticas educativas geram filhos melhor ou pior adaptados tem sido de grande interesse e gerado muitas polêmicas em diferentes fóruns.

A busca por entender de forma teórica e empírica essas demandas da família contemporânea é a realidade constante do grupo de pesquisa “Dinâmica das Relações Familiares” do qual faço parte desde 1997. Desde essa época, quando integrava o grupo na condição de bolsista de Iniciação Científica, nos interessávamos pelos desafios de compreender as transformações das relações familiares, assim como me inquietava, pessoalmente, também entender processos estruturantes da família tais como o da conjugalidade.

Quando iniciei o doutorado na Universidade Complutense de Madrid em novembro de 2001 permanecia com o desejo de estudar o subsistema conjugal embora ainda não tivesse claro qual seria o foco de investigação. Retornei ao Brasil no final de 2002 e voltei também ao meu “núcleo familiar de estudos”, o grupo de pesquisa “Dinâmica das Relações Familiares”. Novamente integrei-me aos projetos de pesquisa do grupo, que neste momento estavam bastante voltados para a educação nas famílias. Estávamos

realizando a análise dos resultados da investigação “A Família e a Tarefa de Educar: condutas educativas e transgeracionalidade” onde um dado chamou-me atenção, a maior parte dos casais - 74% dos homens e 76% das mulheres - dizia considerar que a relação conjugal tem grande importância e influencia no desempenho de suas tarefas educativas (Wagner, Predrebon, Mosmann & Verza, 2005).

Neste momento, surgiu à idéia de estudar a relação entre o subsistema conjugal e o parental. Ao iniciar as buscas bibliográficas, deparamo-nos com a realidade de que a grande maioria dos estudos sobre as relações entre a conjugalidade e a parentalidade, está voltada para suas conseqüências no desenvolvimento dos filhos. Ademais, as constantes demandas da sociedade por respostas para os problemas que atualmente os pais enfrentam na educação de seus filhos, fizeram com que nos questionássemos se ao invés de enfocarmos o subsistema filial, não seria interessante buscarmos entender quais aspectos da relação conjugal se relacionam com a maneira como esses cônjuges/pais educam seus filhos.

Ao analisarmos este tema na literatura científica da área, identificamos que apesar do consenso da existência desta associação, a natureza dessas conexões ainda não foi suficientemente explicadas. Aceita-se que as relações não são de causa-efeito e que não podem ser reduzidas a um número pequeno de variáveis (Shek, 2000). O modelo atual de entendimento dessas interações é de influência bi - direcional, que analisa tanto as variáveis dos pais quanto dos filhos (Freijó y Delgado, 2004).

Neste sentido, concordamos que o caráter bi - direcional dessa relação não pode ser negligenciado. Entretanto, devido à complexidade de investigações que buscam analisar as percepções tanto dos pais quanto dos filhos, pode-se pensar que ao considerarmos apenas o subsistema conjugal, já poderíamos ter dados elucidativos de algumas destas conexões. Nesta perspectiva, identificamos que atualmente, as pesquisas têm buscado mapear quais

seriam as variáveis associadas à relação conjugal mais relevantes nessa interação, e qual o peso de cada uma no entendimento desse fenômeno.

Dentre as variáveis que estão presentes na formação do sistema conjugal e que são consideradas como de extrema importância na busca deste entendimento, os pesquisadores apontam a adaptabilidade, a coesão (Olson, 2000), o conflito (Cummings & Davies, 2002) e a satisfação conjugal, como variáveis fundamentais nessa interação (Shek, 2000; Webster-Stratton & Hammond, 1999). No que tange à parentalidade, diversas pesquisas têm estudado os estilos educativos parentais, na tipologia proposta por Baumrind (1965, 1966, 1978, 1996) e as interações destes com inúmeros aspectos da dinâmica familiar.

Assim, podemos considerar que a associação entre as variáveis da conjugalidade influenciará na maneira como o casal irá se relacionar e, conseqüentemente, na forma como irão educar seus filhos.

A partir destas questões, o objetivo dessa tese foi analisar como se associa o tipo de subsistema conjugal, o nível de conflito que apresenta o casal, assim como o nível de satisfação conjugal que vivenciam e o estilo educativo parental que estes casais exercem com seus filhos.

O presente trabalho é apresentado na forma de artigos conforme a resolução nº02/2004 Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o qual define que a Tese do Curso de Doutorado deverá ser composta de um Artigo de Revisão Crítica da Literatura e dois Artigos Empíricos.

O artigo de revisão crítica da literatura é o primeiro a ser apresentado e está intitulado “Qualidade Conjugal: Mapeando Conceitos”. Este artigo apresenta uma revisão teórica da literatura na área com o objetivo de definir o conceito de qualidade conjugal. Para atingir esse objetivo foram analisadas as sete teorias que influenciaram consideravelmente as pesquisas sobre o tema: a *Teoria da Troca Social*, a *Teoria*

Comportamental, a Teoria do Apego, a Teoria da Crise, a Teoria do Interacionismo Simbólico, a Teoria dos Sistemas Familiares e o Modelo de Adaptação da Vulnerabilidade ao Estresse.

O primeiro artigo empírico, e segundo a ser apresentado neste documento, está intitulado “Dimensões da Conjugalidade e da Parentalidade: Um Modelo Correlacional”. Este artigo surgiu como resultado da pesquisa realizada com 149 casais com filhos adolescentes e teve como objetivo propor um modelo conceitual correlacional entre a conjugalidade e a parentalidade. Este modelo foi testado através de uma análise de correlações entre as dimensões da conjugalidade, adaptabilidade, coesão, satisfação e conflito e as dimensões dos estilos educativos parentais, responsividade e exigência.

O segundo artigo empírico intitula-se “A Qualidade Conjugal como Preditora dos Estilos Educativos Parentais: Perfil Discriminante de Casais com Filhos Adolescentes”. Este artigo buscou perfilar as relações entre a conjugalidade e a parentalidade apresentadas no artigo 2. Para tanto realizou-se uma análise discriminante buscando analisar como as dimensões da conjugalidade adaptabilidade, coesão, satisfação, conflito e variáveis sócio-demográficas se expressam nos estilos educativos parentais.

Ao final, são apresentadas considerações gerais sobre todo o processo de construção deste estudo, referente à pesquisa de campo e aos artigos produzidos, as limitações encontradas no desenvolvimento da pesquisa, assim como as perspectivas futuras.

ARTIGO 1:
QUALIDADE CONJUGAL: MAPEANDO CONCEITOS

Qualidade Conjugal: Mapeando Conceitos

Clarisse Mosmann*

Adriana Wagner**

Resumo

Apesar da ampla utilização do conceito de qualidade conjugal, identifica-se uma falta de clareza conceitual acerca das variáveis que o compõem. Esse artigo apresenta uma revisão da literatura na área com o objetivo de mapear o conceito de qualidade conjugal. Foram analisadas as sete principais teorias sobre o tema: a *Teoria da Troca Social*, a *Teoria Comportamental*, a *Teoria do Apego*, a *Teoria da Crise*, a *Teoria do Intencionismo Simbólico*, a *Teoria dos Sistemas Familiares* e o *Modelo de Adaptação da Vulnerabilidade ao Estresse*. A partir dos postulados propostos nas diferentes teorias, se podem identificar três grupos de variáveis consideradas como fundamentais na definição da qualidade conjugal: os recursos pessoais dos cônjuges, o contexto em que está inserido o casal e os processos adaptativos. Neste sentido, a qualidade conjugal é resultado do processo dinâmico e interativo do casal e por esse motivo tem um caráter multidimensional.

Palavras – chave: satisfação conjugal; ajustamento conjugal; qualidade conjugal.

Abstract

Despite the wide use of the concept of marital quality, it is identified a lack of conceptual clarity regarding its variables. This article presents a review of the literature concerning this area with the objective of mapping out the concept of conjugal concept. The seven main theories about this subject were analysed: *the Social Exchange Theory*, *the Behaviourist Theory*, *the Attachment Theory*, *the Crisis Theory*, *the Symbolic Interactionism Theory*, *the Family Systems Theory* and *the Adaptation of Vulnerability to Stress Model*. From the proposed postulates in the different theories. it is possible to identify three groups of variables considered fundamental in the definition of conjugal quality: the personal resources of the spouses, the context in which the couple is inserted and the adapting processes. Hence, the conjugal quality is the result of a dynamic and interactive process of the couple and due to this reason it has a multidimensional character.

Key - words: marital satisfaction; marital adjustment; marital quality.

* Psicóloga. Doutoranda em Psicologia – PUCRS. Terapeuta de Casal e Família.

** Doutora em Psicologia. Professora - Adjunta da Faculdade e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Dinâmica das Relações Familiares”. Terapeuta de Casal e Família.

Introdução

Tradicionalmente a palavra casamento associa-se a idéias românticas, remetendo-nos à popular frase “*e viveram felizes para sempre*”. Entretanto, um acontecimento que é marcado inicialmente pelo encantamento e otimismo, muitas vezes, acaba não sendo tão duradouro. Para muitos, a união que se inicia como fonte de satisfação termina como fonte de frustração. Frente a esse fenômeno tão comum, pergunta-se então: O que acontece neste percurso?

A relevância do tema baseia-se nas evidências de que a maioria das pessoas irão se casar ou experimentar algum tipo de união em determinado período de suas vidas. Apesar disso, dados estatísticos norte – americanos mostram que quase a metade das primeiras uniões termina em separação ou divórcio (Bradbury, Fincham & Beach, 2000).

Apesar deste panorama pouco entusiasmante, o casamento ainda é o objetivo de muitas pessoas. Um crescente número de jovens atualmente expressa o desejo de casar-se. Dados recentes do IBGE mostram que em 2003 foram realizados 748.981 casamentos oficiais no Brasil.

Isso demonstra que mesmo com o crescente número de uniões estáveis, dentre as pessoas que já viveram um, ou mais, casamento que não foi bem-sucedido, a maioria segue buscando um relacionamento que lhes traga satisfação e felicidade (Jablonski, 2001; Falcke, Diehl & Wagner, 2002; Féres-Carneiro, 2003).

A partir de tais evidências, surge o questionamento: O que leva as pessoas a reinvestirem no casamento, mesmo tendo passado por experiências conjugais insatisfatórias? Afinal, o que define um relacionamento satisfatório?

Essas são indagações que têm estado frequentemente presentes na vida cotidiana atualmente. Em conversas entre amigos, em revistas de grande circulação nacional, em

programas de televisão, o tema é recorrente. Existe uma busca em entender o que determina um relacionamento conjugal bem-sucedido. Especificamente no meio acadêmico, diversas pesquisas têm sido realizadas com tais objetivos.

Apesar do desejo de encontrar fórmulas mágicas que nos ofereçam uma receita de matrimônio feliz, as investigações científicas realizadas na área, nos mostram que devido à complexidade do fenômeno, infelizmente, não há respostas simples para esse questionamento (Johnson, Amoloza & Booth, 1992; Karney & Bradbury, 1995; Amato, Johnson, Booth & Rogers, 2003).

Especificamente, a conceituação do que seria um casamento satisfatório é tarefa árdua não só para os leigos, mas também para o meio científico. Se pensarmos que o casamento envolve dois seres humanos e a complexidade de suas vivências prévias particulares, os quais vêm a estabelecer uma vida nova, podemos vislumbrar o imenso número de fatores que se interconectam na vida a dois (Karney & Bradbury, 1995).

Ao analisarem-se as pesquisas internacionais da área na última década, identifica-se um grande número de estudos que apontam para um alto índice de fatores que se associam à definição deste conceito. Os dados mostram que a qualidade do relacionamento conjugal estaria relacionada ao bem-estar dos cônjuges e seus filhos (Erel & Burman, 1995; Shek, 1998, 2001), às respostas fisiológicas dos cônjuges (Gottman, Coan, Carrere, Swanson, 1998), às variáveis sócio-demográficas (Perry – Jenkins, Repetti & Crouter, 2000; Cotton, Burton, Rushing, 2003), à saúde física do casal (Burman & Margolin, 1992) à depressão (Beach, Katz, Sooyeon, Brody, 2003; Uebelacker, Courtnage, Whisman, 2003) à psicopatologia (Whisman, 1999), às características de personalidade (Ye, We, Wang, 1999), e às combinações entre estas variáveis (O' Leary & Smith, 1991; Neff & Karney, 2003; Kline & Stafford, 2004), dentre outras.

Todas essas variáveis estariam associadas à qualidade da relação conjugal, entretanto, apesar do grande número de estudos sobre esse tema, isto não traduz profundidade no conhecimento derivado dos mesmos (Bradbury et al., 2000). Pode-se identificar uma tendência de teorização em tais estudos. Grande parte das pesquisas não expressa de forma clara ou não apresenta uma teoria orientadora da investigação. Não havendo uma linha teórica comum para guiar a seleção das variáveis e dos procedimentos metodológicos, surgem tentativas de replicar estudos já realizados.

Assim, os últimos cinqüenta anos de pesquisas sobre o casamento geraram um aumento crescente das variáveis supostamente predictoras do sucesso conjugal, mas sem um aprofundamento dos resultados, o que não propiciou um avanço efetivo no entendimento dos processos conjugais (Karney & Bradbury, 1995).

Atualmente, o que se tem multiplicado são muito mais perguntas que repostas. Busca-se saber por que alguns casais são estáveis e outros não, porque alguns são felizes enquanto outros infelizes, mas não há uma busca para compreender a dinâmica e desenvolver modelos explicativos dos mecanismos que geram essas distintas relações.

Ao detectar-se a falta de tais modelos, identifica-se também uma dificuldade na conceituação teórica da qualidade conjugal. Essa lacuna conceitual é atribuída pelos estudiosos à subjetividade implícita na avaliação de cada sujeito sobre o que considera ser satisfatório em um casamento.

Devido a essa falta de clareza conceitual percebe-se, ao avaliar a literatura recente sobre o tema, que as pesquisas sobre conjugalidade estão centradas em três conceitos básicos: a satisfação, o ajustamento e a qualidade conjugal (O' Leary & Smith, 1991; Glenn, 1998; Gottman, 2002). O problema, de acordo com os pesquisadores, é que esses conceitos passaram a ser utilizados em muitas investigações como sinônimos.

Essa lacuna se reflete também na multiplicidade de escalas criadas para mensurar a qualidade conjugal. A pouca clareza conceitual influencia também na forma como essa grande quantidade de instrumentos tem sido utilizada nas pesquisas (Fincham & Bradbury, 1987).

Neste sentido, conceituar teoricamente o que é denominado de qualidade conjugal pode promover um avanço nas investigações de uma área de crescente interesse do meio científico. Ademais, um refinamento metodológico nos instrumentos de mensuração pode também aprimorar o trabalho clínico dos terapeutas no tratamento do crescente número de casais que procuram ajuda para lidar com suas dificuldades conjugais.

Assim, o presente artigo tem como objetivo revisar a literatura da área na tentativa de mapear os aspectos relacionados ao conceito de qualidade conjugal.

Perspectivas Teóricas da Qualidade Conjugal

A qualidade conjugal é um construto com uma longa e controversa história. A primeira medida de qualidade conjugal foi realizada por Terman, Buttenwieser, Ferguson & Wilson em 1938 (conforme citado por Heyman, Sayers, & Bellack, 1994) que utilizou apenas uma pergunta para avaliar a felicidade/satisfação dos cônjuges: “O que basicamente diferencia os casais felizes dos infelizes”?

Essa pesquisa teve mérito em ser pioneira na tentativa de apresentar respostas ao fenômeno, entretanto, esse questionamento explicita a subjetividade da questão e a falta de perspectiva teórica dos pesquisadores ao acreditar que apenas uma pergunta poderia dar conta desse fenômeno (Gottman & Notarius, 2002).

Seis décadas depois, diversos pesquisadores ainda não apresentam uma clareza teórica em seus estudos sobre conjugalidade. Entretanto existem quatro teorias que influenciaram consideravelmente as investigações da área.

A *Social Exchange Theory - Teoria da Troca Social* - é a mais citada nas pesquisas sobre qualidade conjugal. É derivada da teoria de Thibaut & Kelley (1959) sobre a interdependência, a qual postula que num relacionamento os acontecimentos vividos pelos cônjuges são resultados da interação do casal com o meio em que estão inseridos. Essa interação gera uma sucessão de desafios que exigem adaptações dos membros do casal, tanto entre eles como no relacionamento com aqueles que os rodeiam.

Nas décadas de sessenta e setenta, Levinger (1965, 1976) foi o primeiro a aplicar esses conceitos ao casamento. Para ele o sucesso do matrimônio está relacionado à capacidade dos cônjuges de comparar os aspectos que são satisfatórios como a segurança emocional, a realização sexual e a formação de uma família, com os que podem ser desafiadores como os problemas financeiros, preconceitos sociais e religiosos, entre

outros. De acordo com esta teoria as uniões terminam quando uma conjunção de fatores combina mais desafios e insatisfações que aspectos satisfatórios, poucos impedimentos para separação e muitas alternativas atrativas fora do matrimônio.

Posteriormente, utilizando essas idéias, Lewis & Spanier (1979,1982) formaram uma tipologia dos relacionamentos conjugais onde a satisfação e a estabilidade são concebidas como dimensões ortogonais. A combinação entre as dimensões é expressa no quadro abaixo:

Tabela 1: Tipologia de Lewis & Spanier (1979,1982)

| Tipos de Casais | Grau de Satisfação | Grau de Estabilidade |
|------------------------|---------------------------|-----------------------------|
| | Alto | Alto |
| Alto | Baixo | |
| Baixo | Alto | |
| Baixo | Baixo | |

Os conceitos dessa tipologia explicam que casais insatisfeitos, mas estáveis, por exemplo, são aqueles onde as atrações e os aspectos satisfatórios derivados do relacionamento são poucos, mas os obstáculos à separação são muitos.

Essa teoria possui como ponto forte considerar, tanto como atrações como obstáculos ao casamento, todos os contextos em que se insere o casal. Assim, em uma aproximação com a perspectiva ecológica (Bronfenbrenner, 1996) considera-se tanto o micro quanto o macro contexto e se pode incluir no entendimento a interdependências das variáveis envolvidas no fenômeno. Talvez esse seja um dos motivos pelo qual um grande número de pesquisas foi realizado a partir desta orientação teórica (O’Leary & Smith, 1991; Johnson et al., 1992; Heyman et al., 1994).

O conceito de ajustamento conjugal desenvolvido por Spanier & Cole (1976), mesmo anterior à tipologia criada por Lewis & Spanier (1979, 1982) é um dos mais

utilizados até hoje nas pesquisas sobre conjugalidade. Especificamente, o Diadic Adjustment Scale – DAS, desenvolvido a partir de tais conceitos e dimensões, serviu como instrumento de medida para mais de 1000 investigações. De acordo com Spanier & Cole (1976) o ajustamento conjugal reflete tanto os processos conjugais, como a comunicação bem como os resultados destes, que seriam o nível de ajustamento do casal, por exemplo.

Muitas críticas são feitas ao conceito de ajustamento e especialmente ao DAS. De acordo com Norton (1983) a fundamental dificuldade metodológica do DAS é que a escala combina processos interacionais (por exemplo, desentendimentos, compartilhar idéias, entre outros) com resultados (avaliações subjetivas do nível de felicidade do casal, por exemplo). Para o autor, essa combinação gera resultados que devem ser interpretados com cautela uma vez que as correlações entre as variáveis independentes, por exemplo, estilos de comunicação e a satisfação (medida pelo DAS) são aumentadas porque a primeira (comunicação) já está incluída na definição de satisfação conjugal da escala.

Neste caso específico, a crítica ao conceito de ajustamento conjugal, reside na impossibilidade de verificar exatamente onde o ajustamento se distingue da satisfação conjugal (Heyman et al., 1994).

Neste sentido deve-se retornar à teoria que embasa esse conceito. Na *Teoria da Troca Social* -, como já foi colocado, o ajustamento conjugal é resultado da interação entre os processos sociais e os desafios que ele promove para o casal. A satisfação e o ajustamento são vistos como complementares já que os casais serão considerados satisfeitos segundo o resultado da quantidade de obstáculos e recompensas que eles têm do meio, e, em conseqüência, como se ajustam a eles.

Entretanto, essas conceituações são baseadas nas percepções e não analisam os comportamentos dos cônjuges frente aos desafios (Gottman, 1982). Posteriormente, a

teoria que veio a desenvolver a análise dos comportamentos dos casais frente às dificuldades também é derivada do trabalho de Thibaut & Kelley (1959) e provocou um grande desenvolvimento na pesquisas de laboratório sobre a conjugalidade. A *Behavioral Theory – Teoria Comportamental* - focalizou seus esforços nas ações que os casais realizaram para resolução de seus problemas.

Essa teoria tem como premissa que os comportamentos positivos dos cônjuges aumentam a avaliação positiva que eles fazem de seu casamento e, por conseqüência, seu nível de satisfação. Assim, comportamentos considerados negativos pelo outro gerariam avaliações negativas do matrimônio. Esse postulado embasou o desenvolvimento do conceito das atribuições que os cônjuges têm sobre os comportamentos do parceiro.

A *Teoria Comportamental* sugere que as respostas cognitivas aos comportamentos do outro afetam o matrimônio e com o tempo a acumulação dessas experiências influencia gradualmente, positiva ou negativamente, na avaliação e na conseqüente satisfação que os cônjuges experimentam (Gottman, 1990, 1993; Bradbury & Fincham, 1991).

Assim como na *Teoria da Troca Social* essa orientação teórica não tenta explicar o mecanismo pelo quais esses julgamentos da satisfação conjugal mudam com o tempo. Em ambas as teorias existe um entendimento do momento e da interação, mas não de como esses eventos vão se modificando ao longo do tempo; o que se faz necessário para entender porque alguns casais se mantêm casados.

A despeito dessas críticas, a *Teoria Comportamental* tem se desenvolvido muito nas últimas décadas, especialmente pelos estudos de Gottman (1990; 1993) realizados em laboratório. Essas investigações têm utilizado como método, observar e mensurar as respostas comportamentais dos cônjuges em simulações realizadas em laboratório de situações cotidianas tanto de conflito quanto prazerosas (Gottman & Katz, 1989; Burlison & Denton, 1997; Gottman et al., 1998).

Essa perspectiva interacional pode ser percebida, ao mesmo tempo, como ponto forte e fraco da teoria. Isso porque embora analise as interações dos casais, não considera o meio em que o casal vive. Ao contrário da *Teoria da Troca Social* que inclui todos os contextos, essa orientação deixa de lado variáveis como nível educacional, ou eventos estressores que, provavelmente, tem grande influencia na vida conjugal (Davis, 1998).

Seguindo essa linha interacional com o foco, entretanto, nas experiências prévias dos cônjuges, a *Attachment Theory – Teoria do Apego de Bowlby (1984)* - também é bastante utilizada no entendimento das relações conjugais. Para o autor, as relações primárias estabelecidas entre a criança e seus cuidadores podem ser caracterizadas por um tipo de vínculo denominado por ele “apego”. Este vai caracterizar um modelo interno para a criança de como são os relacionamentos íntimos entre as pessoas e poderá determinar a forma como ela irá se relacionar futuramente com os outros.

Teoricamente, o número de tipos de apego que podem ser estabelecidos é muito grande, mas as pesquisas realizadas por Bowlby (1984) demonstraram três tipos mais frequentes: o apego seguro, o ansioso-ambivalente e o ansioso-evitativo. O apego seguro é o mais comumente observado entre as mães e os bebês. Este é o tipo de apego considerado ideal onde os pais são disponíveis aos filhos e apresentam-se como uma base segura para as crianças explorarem novos estímulos. O tipo de apego ansioso-ambivalente descreve pais que são inconsistentes no cuidado com os filhos. Isso gera crianças que necessitam e desejam a presença dos pais e, ao mesmo tempo, se ressentem de sua inconstância. O apego ansioso-evitativo classifica pais que não são responsivos e geram filhos que evitam o contato com eles.

Essa teoria foi aplicada aos relacionamentos adultos por Hazan & Shaver (1987, 1994) onde o tipo de apego e o modo de se relacionar estabelecido entre a criança e os cuidadores servem como parâmetro para a compreensão dos relacionamentos na vida

adulta. Essa perspectiva teórica enfatiza a repetição das experiências vividas na família de origem. Desta forma, a satisfação conjugal estaria relacionada ao tipo de apego estabelecido na infância. Crianças que vivenciaram uma relação de segurança e afeto com seus pais seriam adultos os quais teriam mais probabilidades de repetir esse modelo em seus casamentos e, em conseqüência, sentirem-se mais felizes.

Essa orientação teórica considera a importância das histórias pregressas dos cônjuges para a qualidade conjugal, o que não acontece na *Teoria da Troca Social* e na *Teoria Comportamental*. Entretanto, não é explicado pelos autores como se estabelece esse processo, uma vez que cada cônjuge tem um tipo de apego estabelecido na infância e que esse não é necessariamente igual ao do parceiro (a). Como se efetiva então essa relação? Casais com diferentes experiências de apego teriam mais dificuldades? E os casais com o mesmo tipo de apego seriam mais satisfeitos? Esses questionamentos não são explicados pelos autores que aplicaram a teoria do apego à conjugalidade (Hazan & Shaver, 1987; 1994). Ademais nessa teoria não há espaço para o contexto em que se insere o casal, já que considera apenas o tipo de apego dos cônjuges e suas influências na relação conjugal.

Em contraponto a essa visão, a *Crisis Theory - Teoria da Crise*- derivada do trabalho de Hill (1949) analisa como as famílias reagem a situações de crise. Por que algumas famílias em situações adversas encaram e superam os desafios enquanto outras parecem se desorganizar? Inicialmente, Hill pensou essa teoria para famílias, mas, posteriormente, ela foi aplicada ao entendimento da conjugalidade.

No final dos anos quarenta, Hill (1949) desenvolveu um modelo nomeado ABCX onde os eventos estressantes (A) são os que requerem alguma adaptação da família. A quantidade de recursos varia entre as famílias (B) e as levam a diferentes níveis de reação aos eventos estressantes (C) o que modifica o tipo de impacto para cada família. Em qualquer circunstancia, a quantidade de recursos disponíveis para uma família enfrentar

uma situação estressante vai definir a natureza da crise que poderá gerar para essa família (X) e sua capacidade de superação. A adaptação e superação são definidos pelo autor como a preservação da unidade do sistema familiar e que possibilite o desenvolvimento e crescimento de seus membros.

Na década de oitenta, essa teoria foi expandida por McCubbin & Patterson (1982) que adicionaram a variável tempo ao modelo. Eles consideraram que o tipo de resposta da família pode mudar ao longo do tempo e, ainda, que as respostas à crise de hoje podem desenvolver respostas mais adaptativas a crises futuras.

Apesar de este modelo ter sido desenvolvido para explicar o funcionamento familiar, muitos pesquisadores utilizaram essa teoria para compreender e prever crises de casais. Nesta perspectiva, o declínio da satisfação conjugal e a separação são reflexos de incapacidades de superar crises. Em geral, casais que experimentam mais situações estressantes podem ser mais vulneráveis a problemas conjugais se não tiverem a quantidade de recursos necessária à superação e readaptação.

Essa teoria apresenta um avanço às teorias anteriormente descritas porque, além de considerar as influências do contexto na qualidade conjugal, ela ainda focaliza os processos. Ou seja, enquanto a *Teoria da Troca Social* considera as variáveis do meio como fundamentais para a percepção dos cônjuges sobre sua satisfação conjugal, a *Teoria da Crise* além de considerar tais variáveis, enfatiza a importância do processo dinâmico do relacionamento. Nesta orientação teórica, os casais são vistos como agentes ativos de seus relacionamentos na interação com o ambiente em que estão inseridos (Karney & Bradbury, 1995).

A partir desta perspectiva, a satisfação conjugal seria decorrente da capacidade do casal de superar as crises e readaptar-se a elas. Da mesma forma, a estabilidade conjugal

estaria abalada quando houvesse falha na adaptação a algum evento estressante, o que geraria problemas aos cônjuges.

A limitação apontada à teoria refere-se à não especificação dos autores, tanto de Hill (1949) quanto de McCubbin & Patterson (1989) sobre que tipos de respostas dos cônjuges seriam mais adaptativas.

As quatro teorias descritas são as que mais influenciaram as pesquisas sobre qualidade conjugal, entretanto, a *Teoria do Interacionismo Simbólico* e a *Teoria dos Sistemas Familiares* também tiveram um papel importante, embora não tão significativo (Musitu & Cava, 2001).

A *Teoria do Interacionismo Simbólico*, assim como a *Teoria da Crise*, também foi aplicada primeiramente ao entendimento de famílias, mas suas contribuições têm sido utilizadas para a compreensão dos fenômenos conjugais.

Especificamente a *Teoria do Interacionismo Simbólico* tem como conceito principal que a família é um grupo de pessoas em interação que criam seus símbolos e seus significados. Esses vão influenciar na formação da identidade dos membros, na transmissão dos valores familiares e aprendizagem dos papéis sociais que cada um deve desempenhar (Gracia & Musitu, 2000).

A partir desta perspectiva teórica, Burr (1979) desenvolveu um modelo de funcionamento familiar. Para o autor, cada indivíduo possui uma representação dos papéis sociais que desempenha, por exemplo, esposo, filho, etc. Baseado nesses papéis desempenhados pelos membros da família, ele considera que a avaliação de cada um sobre quão ajustado está à idéia que tem sobre seu papel, gera maior ou menor nível de satisfação no funcionamento de todo núcleo familiar. Assim, se pensarmos na qualidade conjugal, esta seria resultado avaliação que cada cônjuge faz a sua adequação ao que se espera do papel de esposo ou esposa. Assim, um homem que considera estar

desempenhando bem a representação que ele tem do que é um esposo, estará satisfeito em sua relação conjugal.

Neste entendimento teórico percebe-se assim, como na *Teoria da Troca Social* e na *Teoria da Crise*, a importância do contexto no qual os sujeitos envolvidos se inserem e da auto-avaliação para a qualidade conjugal. Nesse caso, o nível de satisfação do sujeito vai depender da sua auto-avaliação sobre seu papel de esposo (a) e o quão adequado pensa estar neste papel em seu contexto.

A *Teoria dos Sistemas Familiares* embora seja a base da *Teoria da Crise*, tem no modelo de Olson & Sprenkle (1979) sobre funcionamento familiar uma representação extremamente significativa já que gerou um grande número de pesquisas.

Olson (Olson, Sprenkle, & Russell, 1979, Olson, Russell & Sprenkle, 1983, Olson, 2000) desenvolveu o modelo circunplexo dos sistemas conjugal e familiar. Neste, o nível de funcionalidade do casal vai variar em função de três dimensões: a coesão, a adaptabilidade e a comunicação.

A coesão é definida como o vínculo emocional que os membros da família têm em relação um ao outro. Existem quatro níveis de coesão que podem ser identificados no quadro abaixo:

Tabela 2. Modelo Circunplexo de Olson, dimensão coesão (2000):

| Tipo de Relação | Nível de Coesão |
|------------------------|------------------------|
| Emaranhado | Muito Alto |
| Conectado | Moderado a Alto |
| Separado | Moderado a Baixo |
| Desligado | Muito Baixo |

A hipótese do modelo é que níveis centrais ou equilibrados de coesão (separado e conectado) geram funcionamento ótimo familiar e conjugal. Os níveis extremos ou desequilibrados (desligado e emaranhado) são normalmente relacionados a problemas em longo prazo para os relacionamentos.

A segunda dimensão é a adaptabilidade familiar entendida como o potencial de mudança/adaptação na liderança, papéis e regras do sistema. Os quatro níveis de adaptabilidade podem ser observados na tabela abaixo:

Tabela 3. Modelo Circunplexo de Olson, dimensão adaptabilidade (2000):

| Tipo de Relação | Nível de Adaptabilidade |
|------------------------|--------------------------------|
| Caótico | Muito Alto |
| Flexível | Moderado a Alto |
| Estruturado | Moderado a Baixo |
| Rígido | Muito Baixo |

Assim como na coesão a hipótese é que os níveis equilibrados (estruturado e flexível) conduzem a um funcionamento familiar e conjugal mais funcional e os extremos (rígido e caótico) seriam os mais problemáticos para as famílias e casais.

A comunicação é uma dimensão considerada como facilitadora. É fundamental na promoção de movimentos nas outras duas dimensões. Por ser facilitadora ela não é mensurada como a coesão e adaptabilidade. Para o autor, a comunicação está inserida nas outras duas dimensões.

Ao analisar o modelo de Olson percebe-se a semelhança com a *Teoria da Crise* pelo enfoque na capacidade da adaptação das famílias e casais frente aos desafios do meio. Ambas consideram fundamentais para o nível de satisfação conjugal que os casais possam ter recursos para enfrentar os problemas e adaptarem-se às dificuldades.

Neste sentido, pode-se perceber que das teorias sobre a qualidade conjugal expostas acima, quatro delas (*Teoria da Troca Social, Teoria da Crise, Interacionismo Simbólico e Teoria dos Sistemas Familiares*) se assemelham ao considerar a influência do contexto, da auto – avaliação e da capacidade de superar problemas como variáveis essenciais na definição da qualidade conjugal.

Nesta perspectiva, Karney & Bradbury (1995) desenvolveram um modelo integrando essas teorias e os achados de 115 pesquisas longitudinais realizadas sobre

qualidade e estabilidade conjugal nas últimas cinco décadas. O modelo denominado *Vulnerability Stress Adaptation - Modelo de Adaptação da Vulnerabilidade ao Estresse* - é a integração da *Teoria do Apego, Teoria da Crise e Teoria Comportamental*.

O modelo sustenta que os casais necessitam adaptar-se a uma grande variedade de eventos estressantes e circunstâncias que surgem no curso da vida a dois. A capacidade do casal de adaptar-se a esses acontecimentos vai depender do nível de estresse que eles experimentam e das características prévias que cada um traz ao casamento. A acumulação destas experiências vividas nos processos adaptativos influencia a percepção da qualidade conjugal do casal que, por sua vez, atua na estabilidade do casamento.

O modelo salienta a importância de três grupos de variáveis que definem a qualidade conjugal. O contexto, os recursos pessoais dos cônjuges e os processos adaptativos. Todos esses grupos de variáveis influenciam-se mutuamente e devem ser entendidos de forma integrada.

O contexto em que os casais estão inseridos e as conseqüentes situações estressantes geradas pelo mesmo são fundamentais na definição de qualidade que experienciam os casais. Pesquisas mostram que casais expostos a situações estressantes como doenças, desemprego, problemas familiares relatam níveis mais baixos de satisfação conjugal (Belsky, 1984).

Da mesma forma, os recursos pessoais de cada cônjuge são fundamentais na interação com as outras variáveis e o conseqüente nível de qualidade conjugal. Dados de pesquisas atuais nos mostram que as experiências na família de origem respondem por 10% da qualidade conjugal dos cônjuges (Falcke, 2003). Ademais, o nível educacional também é apontado como importante nesse processo (Griffin, 1993) assim como as características de personalidade (Ye et al., 1999).

O último grupo de variáveis responde aos processos adaptativos. Esse grupo de variáveis refere-se à capacidade dos casais em superar os desafios gerados pelo contexto em que estão inseridos e sua conseqüente adaptação aos mesmos. Pesquisas mostram que as dificuldades sempre estão presentes em um casamento e que a diferença na qualidade conjugal está na forma como eles irão resolver esses problemas (Bradbury et al., 2000).

Atualmente aceita - se que casais possam discordar e entrar em conflito e ainda assim apresentar altos níveis de satisfação. Tudo vai depender da forma como vão resolver esses conflitos. Em última análise, a qualidade conjugal será o resultado desse processo interativo entre o contexto, os recursos pessoais dos cônjuges e os processos adaptativos (Webster-Stratton & Hammond, 1999).

Ao analisarem-se definições do conceito de qualidade conjugal através das sete teorias expostas percebemos que elas se assemelham ao considerar algumas variáveis como fundamentais na definição deste conceito. Embora seja bastante complexa a diferenciação conceitual entre as teorias, o quadro a seguir mostra as variáveis consideradas fundamentais na definição da qualidade conjugal comparativamente:

Tabela 4: Quadro conceitual e diferencial das variáveis essenciais na definição da qualidade conjugal

| Teoria | Variáveis Essenciais |
|---|--|
| Teoria Comportamental (Gottman, 1982). Teoria do Apego (Bowlby, 1984). | RECURSOS PESSOAIS |
| Teoria da Troca Social (Levinger, 1965,1976). Teoria da Crise (Hill, 1949). Teoria do Interacionismo Simbólico (Burr, 1979). Teoria dos Sistemas Familiares (Olson, 1979, 2000). | CONTEXTO AUTO-AVALIAÇÃO ADAPTABILIDADE |
| Modelo de Adaptação da Vulnerabilidade ao Estresse (Karney & Bradbury, 1995). | CONTEXTO RECURSOS PESSOAIS PROCESSOS ADAPTATIVOS |

Pode-se identificar no quadro acima que o Modelo de Adaptação da Vulnerabilidade ao Estresse (Karney & Bradbury, 1995), integra as teorias ao considerar como determinantes da qualidade conjugal o contexto, os recursos pessoais e os processos adaptativos.

A partir desse conceito identifica-se que a qualidade conjugal é multidimensional. A satisfação ou felicidade é uma dimensão que compõe esse conceito. A qualidade conjugal seria semelhante teoricamente ao conceito de ajustamento que considera o ajustamento conjugal um processo onde a satisfação está incluída.

Apesar de não haver um consenso sobre essa questão Johnson, White, Edward & Booth (1986) comprovaram empiricamente que a satisfação e a qualidade conjugal são dimensões distintas e que a utilização de mais de uma variável para descrever a qualidade conjugal permite um maior entendimento do fenômeno. Da mesma forma como a aceitação de que na atualidade a tendência das pesquisas é fazer um entendimento dos

processos conjugais e para isso a adoção de conceitos multidimensionais se faz não só necessária como fundamental.

Considerações Finais

Retomando o objetivo inicial do presente trabalho de mapear o conceito de qualidade conjugal, após revisar a literatura da área, identifica-se que o mesmo não pode ser definido como simplesmente uma avaliação dos cônjuges sobre seu matrimônio. A qualidade conjugal é resultado de um processo dinâmico e interativo do casal que resulta na avaliação que cada cônjuge tem do nível de qualidade que experimentam em suas uniões.

O conceito é vulnerável a todas as variáveis que compõem a sua definição. Mais especificamente, o contexto, os recursos pessoais dos cônjuges, e os processos adaptativos, aparecem como as três grandes dimensões que levariam à auto-percepção e a um conseqüente nível de qualidade conjugal.

Essas três dimensões reúnem um número infinito de variáveis tais como as experiências na família de origem, o nível educacional, as características de personalidade, a fase do ciclo vital em que se encontra o casal, dentre outras.

Estas são variáveis difíceis de serem hierarquizadas, pois não há como determinar a maior importância de umas em relação a outras. O que ocorre no estudo das três dimensões é uma escolha, por parte dos pesquisadores, de algumas variáveis na busca de entender de forma mais específica uma parte deste constructo.

Por esse motivo, as pesquisas longitudinais seriam as mais indicadas para obter dados mais próximos à realidade dinâmica implícita no conceito de qualidade conjugal. Entretanto, tais pesquisas requerem um grande investimento financeiro e de tempo. Assim, estudos de corte transversal podem auxiliar na compreensão desse fenômeno se buscarem avaliar, por meio das metodologias empregadas, mais de uma variável relacionada às três dimensões (contexto, recursos pessoais dos cônjuges e os processos adaptativos).

Independentemente da opção metodológica, é fundamental, para o desenvolvimento das pesquisas na área, o entendimento de que a qualidade conjugal é multidimensional e que os estudos devem centralizar seus esforços na busca do mapeamento das relações entre as variáveis sem o objetivo de estabelecer relações de causa e efeito.

Referências

- Amato, P. R., Johnson, D. R., Booth, A. & Rogers, S. J. (2003). Continuity and change in marital quality between 1980 and 2000. *Journal of Marriage and Family*, 65, 1-22.
- Beach, S. R. H., Katz, J., Sooyeon, K. & Brody, G. (2003). Perspective effects of marital satisfaction on depressive symptoms in established marriages: A dyadic model. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20, 355-371.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Bowlby, J. (1984). *Apego e Perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D. & Beach, S. R. H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 964-980.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Burleson, B. R. & Denton, W. H. (1997). The relationship between communication skill and marital satisfaction: some moderating effects. *Journal of Marriage and Family*, 59, 884-902.
- Burman, B. & Margolin, G. (1992). Analysis of association between marital relationships and health problems: An interactional perspective. *Psychological Bulletin*, 112, 39-63.
- Burr, W. R., Hill, R., Nye, F. I. & Reiss, I. (1979). *Contemporary theories about the family*. vol.2. New York: Free Press.
- Cotton, S. R., Burton, R. P. D., Rushing, B. (2003). The mediating effects of attachment to social structure and psychosocial resources on the relationship between marital quality and psychological distress. *Journal of Family Issues*, 24, 547-577.
- Davis, B.T., Hops, H., Alpert, A. & Sheeber, L. (1998) Child responses to parental conflict and their effect on adjustment: a study of triadic relations. *Journal of Family Psychology*, 12, 163-177.

- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of Marital Relations and Parent-Child Relations: A Meta-Analytic Review. *Psychological Bulletin*, 118, 108-132.
- Falcke, D. (2003). *Águas passadas não movem moinhos?* Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Falcke, D., Diehl, J. A., & Wagner, A. (2002) Satisfação Conjugal na Atualidade. In A. Wagner (Org.). *Família em Cena*. (pp. 172-188). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Feres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8, 367-374.
- Fincham, F. D. & Beach, S. R. H. (1999). Marriage in the new millenium: is there a place for social cognition in marital research? *Journal of Social and Personal Relationships*, 16, 685-704.
- Fincham, F. D. & Bradbury, T. N. (1987). The Assessment of Marital Quality: A Reevaluation. *Journal of Marriage and the Family*, 49, 797-809.
- Glenn, N.D. (1998). The Course of Marital Success and Failure in Five American 10- Year Marriage Cohorts. *Journal of Marriage and the Family*, 60,569-576.
- Gottman, J. M. & Katz, L. F. (1989). Effects of Marital Discord on Young Children's Peer Interaction and Health. *Developmental Psychology*, 25, 373-381.
- Gottman, J. M. & Notarius, C. I. (2002). Marital Research in the 20th Century and a Research Agenda for the 21st Century. *Family Process*, 41, 159-197.
- Gottman, J. M. (1982). Temporal form: Toward a new language for describing relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 44, 943-962.
- Gottman, J. M. (1990). How marriages change. In G. R.Patterson (Org.). *Depression and aggression in family interaction* (pp.75-101). Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- Gottman, J. M. (1993). A theory of marital dissolution and stability. *Journal of Family Psychology*, 7, 57-75.
- Gottman, J. M., Coan, J., Carrere, S. & Swanson, C. (1998). *Journal of the Marriage and the Family*, 60, 5-22.

- Gracia, E. y Musitu, G. (2000). *Psicologia Social de la Familia*. Barcelona: Paidós.
- Griffin, W. A. (1993). Transitions from negative affect during marital interaction: husband and wife differences. *Journal of Family Psychology*, 6, 230-244.
- Hazan, C. & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C. & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22.
- Heyman, R., Sayers, A. & Bellack, S. (1994). Global marital satisfaction versus marital adjustment: an empirical comparison of three measures. *Journal of Family Psychology*, 8, 432-446.
- Hill, R. (1949). *Families under stress*. New York, Harper.
- IBGE (2003). *Anuário Estatístico Brasileiro*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, v.23.
- Jablonski, B. (1991). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro, RJ: Agir.
- Johnson, D. R., Amoloza, T. O. & Booth, A. (1992). Stability and Developmental Change in Marital Quality: A Three-Wave Panel Analysis. *Journal of the Marriage and the Family*, 54, 582-594.
- Johnson, D. R., White, L. K., Edwards, J. N., & Booth, A. (1986). Dimensions of marital quality: Toward methodological and conceptual refinement. *Journal of Family Issues*, 7, 31-49.
- Karney, B. R. & Bradbury, T. N. (1995). Assessing longitudinal change in marriage: An introduction to the analysis of growth curves. *Journal of Marriage and the Family*, 57, 1091-1108.
- Kline, S. L. & Stafford, L. (2004). A comparison of interaction rules and interaction frequency in relationship to marital quality. *Communication Reports*, 17, 11-26.

- Levinger, G. (1965). Marital cohesiveness and dissolution: An integrative review. *Journal of Marriage and the Family*, 27, 19-28.
- Levinger, G. (1976). A social psychological perspective on marital dissolution. *Journal of Social Issues*, 32, 21-47.
- Lewis, R. A. & Spanier, G. B. (1979). Theorizing about the Quality and Stability of Marriage. In W. R. Burr, R. Hill, F. I. Nye & I. L. Reiss (Orgs.). *Contemporary Theories about The Family* (pp. 268-294). New York: The Free Press.
- Lewis, R. A. & Spanier, G.B. (1982). Marital Quality, Marital Stability and Social Exchange. In F. I. Nye (Org.). *Family Relationships, Rewards and Costs*. (pp. 49-65). Beverly Hills, Sage Publications.
- McCubbin, H. I. & Patterson, J. M. (1982). Family Adaptation to Crises. In H. I., McCubbin, A. E. Cauble & J. M. Patterson (Orgs.). *Family Stress, Coping and Social Support* (pp.26-47). Springfield, Il: Charles C. Thomas.
- Musitu, G. y Cava, M.J. (2001). *La Familia y la Educación*. Barcelona: Octaedro.
- Neff, L. A. & Karney, B. R. (2003). The Dynamic Structure of Relationship Perceptions: Differential importance as a strategy of relationship maintenance. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 1433-1446.
- Norton, R. (1983). Measuring Marital Quality: A critical look at the dependent variable. *Journal of Marriage and the Family*, 45, 141-151.
- O'Leary, K. D. & Smith, D. A. (1991). Marital Interactions. *Annual Review of Psychology*, 42, 191-212.
- Olson, D. (2000) Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Olson, D., Russell, C., & Sprenkle, D. (1983). Circumplex model of marital and family systems: VI. Theoretical update. *Family Process*, 22, 69-83.
- Olson, D., Sprenkle, D. H. & Russel, C. S. (1979). Circumplex model of marital and family systems: I - Cohesion and adaptability dimensions, family types and clinical applications. *Family Process*, 18, 3-28.

- Perry – Jenkins, M., Repetti, R. L. & Crouter, A. C. (2000). Work and Family in the 1990s. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 981-998.
- Shek, D.T. (1998). Linkage between Marital Quality And Parent-Child Relationship. *Journal of Family Issues*, 19, 687-704.
- Shek, D.T. (2001). Paternal and Maternal Influences on Family Functioning Among Hong Kong Chinese Families. *The Journal of Genetic Psychology*, 162, 56-74.
- Spanier, G. B. & Cole, C. L. (1976). Toward clarification and investigation of marital adjustment. *International Journal Sociology of the Family*, 6, 121-146.
- Thibaut, J. W. & Kelley, H. H. (1959). *The social psychology of groups*. New York: Wiley.
- Uebelacker, L. A., Courtnage, E. S. & Whisman, M. A. (2003). Correlates of depression and marital dissatisfaction: Perceptions of marital communication style. *Journal of Social and Personal Relationships*, 6, 757-769.
- Webster-Stratton, C. & Hammond, M. (1999). Marital conflict management skills, parenting style, and early – onset conduct problems: processes and pathways. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40, 917-927.
- Whisman, M. A. (1999). Marital dissatisfaction and psychiatric disorders: Results from the National Comorbidity Survey. *Journal of Abnormal Psychology*, 108, 701-706.
- Ye, M.; Wen, S.; Wang, L. (1999). Quality of marriage and personality match of couples. *Chinese Mental Health Journal*, 13, 298-299.

ARTIGO 2:
DIMENSÕES DA CONJUGALIDADE E DA PARENTALIDADE: UM
MODELO CORRELACIONAL

Dimensões da Conjugalidade e da Parentalidade:
Um Modelo Correlacional

Clarisse Mosmann*

Adriana Wagner**

Resumo

O presente estudo propõe um modelo conceitual correlacional entre a conjugalidade e a parentalidade. Para comprovar o modelo foi realizada uma análise de correlação entre as variáveis da conjugalidade, adaptabilidade, coesão, satisfação, tipos de conflito e as dimensões da parentalidade, responsividade e exigência. Utilizou-se uma amostra de 149 casais com no mínimo um filho adolescente, de nível sócio-econômico médio, residentes na capital e no interior do Rio Grande do Sul. Foi utilizado um instrumento composto por quatro escalas, três para mensurar as dimensões da conjugalidade e uma para as dimensões da parentalidade. Os resultados demonstraram que o modelo proposto inicialmente foi comprovado, quase em sua totalidade, e as relações entre as variáveis mostraram-se nas direções esperadas. Esses dados apontam para a importância do entendimento do caráter interativo e bi-direcional entre a conjugalidade e a parentalidade.

Palavras-Chave: Conjugalidade; Parentalidade; Relações entre subsistemas.

Abstract

The present study proposes a correlational conceptual model between marital relationship and parenting. In order to confirm the model, it was carried out an analysis of the correlation among the variables of the marital relationship, responsiveness and demand. It was used a sample of 149 middle-class couples with at least one teenage child, living in the capital or in the countryside of Rio Grande do Sul. It was used an instrument composed of four scales: three to measure the dimensions of marital relationship and one for the dimensions of parenting. The results showed that the model proposed initially was confirmed almost in its totality and the relations among the variables appeared to be in the expected directions. These data point out the importance of the comprehension of the bidirectional and interactive character between marital relationship and parenting.

Key words: marital relationship, parenting, subsystem relations.

* Psicóloga. Doutoranda em Psicologia – PUCRS. Terapeuta de Casal e Família.

** Doutora em Psicologia. Professora – Adjunta da Faculdade e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Dinâmica das Relações Familiares”. Terapeuta de Casal e Família.

Introdução

Buscando compreender a complexidade da relação que se estabelece entre pais e filhos, muitas investigações têm identificado o papel fundamental da relação conjugal na qualidade da vida familiar. É consenso entre os pesquisadores que o subsistema conjugal se associa aos outros subsistemas familiares, principalmente no que se refere à forma de funcionamento da relação pais e filhos (Buehler & Gerard, 2002; Shek, 2000; Webster-Stratton & Hammond, 1999, Cowan & Cowan, 2002; Cummings & Davies, 2002).

Independente do tipo de associação, a maior parte das pesquisas que buscam entender essa conexão aceita a premissa de que a relação conjugal, especificamente o conflito conjugal, pode levar a problemas no desenvolvimento dos filhos (Gerard, Krishnakumar & Buheler, 2006, Margolin, Gordis & Oliver, 2004, El-Sheik & Elmore-Staton, 2004).

Entretanto, a natureza e a magnitude dessas conexões ainda não foram suficientemente explicadas. Sabe-se, no entanto, que as relações não são de causa-efeito e que não podem ser reduzidas a um número pequeno de variáveis (Khishnakumar & Buehler, 2000; Shek, 2000, Mosmann & Wagner, no prelo).

Ou seja, para entendermos a conexão entre a relação conjugal e o desenvolvimento dos filhos devemos considerar que muitas variáveis familiares podem agir como mediadoras nessa interação. Neste sentido, pesquisas norte-americanas têm buscado mapear as variáveis mais relevantes associadas ao funcionamento conjugal, e o peso destas na explicação dessa intersecção com a parentalidade.

Dentre as variáveis que estão presentes na interação conjugal e que são consideradas como de extrema importância para o entendimento desse fenômeno, os pesquisadores apontam a adaptabilidade, a coesão (Davies, Cummings & Winter, 2004,

Olson, 2000) e o conflito conjugal (Cummings & Davies, 2002, Khishnakumar & Buhler, 2000). Da mesma forma a satisfação conjugal é identificada como variável fundamental na qualidade da conjugalidade (Erel & Burman, 1995; Shek, 2000; Webster-Stratton & Hammond, 1999). Nesta perspectiva, observa-se que a associação entre essas variáveis se expressará na maneira como o casal irá se relacionar e na forma como irão educar seus filhos (Kaczynski, Lindahl, Malik & Laurenceau, 2006).

Este entendimento está baseado no conceito teórico “*Spillover*” (Erel & Burman, 1995) o qual postula a existência de uma relação de influência positiva entre a qualidade da relação conjugal e o relacionamento pais – filhos. Assim, se as relações conjugais se estabelecem de forma negativa, seus efeitos se espalham e influenciam negativamente os filhos (Khishnakumar & Buhler, 2000).

O conceito “*Spillover*” é originado de várias orientações teóricas como o estresse (Conger et al. 1992, 1993), a teoria da aprendizagem social (Patterson, 1989), a teoria ecológico-sistêmica (Bronfenbrenner, 1996) e teoria dos sistemas familiares (Minuchin, 1982).

De acordo com pesquisadores norte-americanos (Gerard, Krishnakumar & Buheler, 2006, Buehler & Gerard, 2002, Webster-Stratton & Hammond, 1999) a importância dos processos “*Spillover*” centra-se na idéia de que um relacionamento conjugal com altos níveis de conflito e baixos índices de satisfação conjugal levaria os pais a assumirem uma postura mais agressiva com os filhos, adotando práticas educativas mais punitivas e menos proximidade afetiva.

Essa hipótese está apoiada no entendimento da teoria da aprendizagem social (Patterson, 1989) de que pais com inabilidade interpessoal terão dificuldades em lidar tanto com questões conjugais quanto parentais.

¹*Spillover: pode ser traduzido como transbordar*

Inclui-se neste estilo de relação pouca tolerância e paciência no contato com o outro. Nesta perspectiva, as dificuldades no relacionamento conjugal se originam devido à falta de habilidade interpessoal, o que conseqüentemente, também gera progenitores com pouca capacidade de adaptabilidade para lidar com as necessidades diárias dos filhos.

No presente estudo realizamos uma leitura da hipótese “*Spillover*” à luz da teoria ecológico-sistêmica (Brofenbrenner, 1996, Minuchin, 1982), considerando a interdependência dos contextos tanto no microsistema familiar, quanto no macrosistema em que a família está inserida.

Buscando entender de forma correlacional e bi-direcional as relações entre a qualidade do relacionamento conjugal e a parentalidade, nosso objetivo é o de explicitar como as variáveis da conjugalidade, adaptabilidade, coesão, conflito, e a satisfação conjugal, e as dimensões da parentalidade, reponsividade e exigência interagem, através da comprovação de um modelo explicativo correlacional. Para tal, faz-se necessário definir as variáveis implicadas, tais como:

Adaptabilidade Conjugal

David Olson (Olson, Sprenkle, & Russell, 1979, Olson, Russell & Sprenkle, 1983, Olson, 2000) desenvolveu um modelo circumplexo de entendimento familiar que integra as dimensões de coesão e adaptabilidade.

Neste modelo a adaptabilidade é definida como o potencial de mudança/adaptação da liderança, dos papéis e regras do sistema. Os conceitos específicos incluem liderança (controle e disciplina), estilo de negociação, papéis e regras dos relacionamentos. O foco da adaptabilidade centra-se na dinâmica que se estabelece entre estabilidade e mudança (Mupinga, Garrison, & Pierce, 2002, Olson, 2000). Para o autor (Olson, 2000) níveis

moderados ou equilibrados de adaptabilidade seriam mais funcionais, enquanto níveis muito alto ou muito baixos, considerados desequilibrados, seriam mais problemáticos para as famílias.

De acordo com a teoria dos sistemas, descrita por Minuchin (1984) no início dos anos oitenta, a rigidez ou baixos níveis de adaptabilidade pode ser considerado um movimento em prol da homeostase familiar. Atualmente ampliou-se este entendimento considerando a capacidade de mudança como uma estratégia adaptativa do sistema. Esse processo é um dos indicativos entre os casais e famílias funcionais e disfuncionais.

Assim, casais e famílias com níveis equilibrados de adaptabilidade tendem a ser mais funcionais ao longo do tempo (Olson, 2000). Um relacionamento conjugal e parental com essas características tende a ter uma liderança democrática com algumas negociações que incluem os filhos. Os papéis e as regras são estáveis, entretanto, há espaços para mudanças, quando necessário.

Por outro lado, casais e famílias com níveis desequilibrados de adaptabilidade tendem a ser rígidos ou caóticos. Um relacionamento rígido é aquele onde um indivíduo está no controle de forma inflexível. Não existem possibilidades de negociação e as decisões são impostas. Os papéis são estritamente definidos e as regras não mudam. Um relacionamento caótico é caracterizado por problemas de liderança. As decisões são impulsivas e pouco refletidas. Os papéis não são claros e mudam constantemente de indivíduo para indivíduo.

De forma geral, baseado no modelo circumplexo (Olson, 2000), níveis desequilibrados de adaptabilidade tendem caracterizar relacionamentos problemáticos ao longo do tempo. Por outro lado, relacionamentos com moderados níveis de adaptabilidade são capazes de equilibrar o binômio mudança X estabilidade de uma maneira funcional.

Coesão Conjugal

A dimensão da coesão conjugal é definida teoricamente como força que leva à unidade familiar. Esta se refere ao nível de proximidade que existe entre os membros da família e é uma das dimensões que deve ser observada para diferenciar o nível de funcionalidade das famílias e dos casais (Mupinga, Garrison, & Pierce, 2002, Olson, 2000).

De acordo com o modelo circunflexo de Olson (2000) seguindo a mesma linha de entendimento da adaptabilidade, níveis equilibrados de coesão estariam associados a um melhor funcionamento conjugal. Os níveis extremos ou desequilibrados são normalmente relacionados a problemas em longo prazo para os relacionamentos.

Casais e famílias com níveis equilibrados de coesão tendem a ser mais funcionais durante o ciclo vital. São relacionamentos onde os cônjuges preservam sua independência e mantêm-se conectados. Existe uma valorização do tempo que passam separados, mas também é muito importante o estar junto, compartilhar decisões e o suporte conjugal. São relacionamentos onde, normalmente, existe proximidade emocional e lealdade.

Níveis desequilibrados de coesão caracterizam relacionamentos emaranhados ou caóticos. Um relacionamento caótico apresenta, normalmente, pouco envolvimento entre os membros e o ideal familiar e conjugal é a independência. Os membros têm vidas e interesses distintos e são pouco disponíveis a ajudar e apoiar os outros. Por outro lado, em um relacionamento emaranhado existe uma proximidade emocional exagerada e a lealdade é uma exigência. Os indivíduos são muito dependentes existindo muito pouco espaço pessoal e privativo. Mesmo não havendo um nível ideal que determine a funcionalidade do sistema, os que permanecerem por muito tempo em níveis extremos tendem a ter mais problemas que os equilibrados.

Conflito Conjugal

O conflito conjugal se define teoricamente como resultado de divergências de interesses entre os membros do casal. Esse processo pode ser pontual ou generalizado a diferentes âmbitos e subsistemas familiares. Da mesma forma pode ser momentâneo ou prolongar-se por muito tempo (Margolin, Gordis, & Oliver, 2004, Cummings & Davies, 2002).

O conflito não implica unicamente em emoções negativas sendo freqüente que os cônjuges tenham muito afeto entre si, mas também sentimentos negativos quando do conflito. Normalmente, o conflito supõe um enfrentamento e, em algumas ocasiões pode gerar rupturas.

A questão chave com relação ao conflito não é a sua existência, mas a sua condição de levar a um processo construtivo ou destrutivo (Sillars, Canary & Tafoya, 2004). A forma como o casal lida com o conflito é o que diferencia o seu papel na família. Ou seja, o conflito pode ser mais um processo na vida do casal ou pode ser o protagonista da cena familiar (Webster-Stratton & Hammond, 1999). Isso ocorre quando os conflitos são freqüentes, intensos, não resolvidos e se refletem no comportamento dos filhos (Margolin, Gordis, & Oliver, 2004).

Atualmente, está documentado em pesquisas norte – americanas que as crianças são altamente sensíveis ao conflito conjugal e conseguem diferenciar os diferentes tipos de conflitos. Os dados apontam que os filhos são capazes de perceber se o conflito está relacionado a elas ou não (Cummings & Davies, 2002) se o conflito é somente conjugal ou, se é acerca da coparentalidade (Krishnakumar, & Buehler, 2000).

Ademais, os dados mostram que as crianças distinguem as formas de violência conjugal (Jouriles et al., 2001), diferenciam entre agressão física e verbal, e identificam a

intenção dos pais em separar-se ou expressões de medo durante o conflito do casal, principalmente os mais intensos (Cummings, Goeke-Morey, Papp, & Dukewich, 2001). Ao mesmo tempo, expressões não-verbais de raiva, mesmo sutis, são sentidas como estressantes pelos filhos.

Em contrapartida, a capacidade em resolver os conflitos de forma produtiva diminui o nível de estresse dos filhos (Webster-Stratton & Hammond, 1999) assim como a explicação dos pais sobre a forma de resolução do conflito e se eles conseguem resolver seus problemas sem a presença das crianças. Finalmente, as crianças são afetadas pelos conteúdos emocionais do conflito e respondem melhor quando os pais mostram-se otimistas quanto à resolução do mesmo (Cummings & Davies, 2002).

Satisfação Conjugal

O conceito de satisfação compõe a definição do que é considerada a qualidade conjugal. Neste estudo o conceito de qualidade conjugal adotado é resultado do Modelo de Adaptação da Vulnerabilidade ao Estresse proposto por Karney & Bradbury, nos anos noventa que integra diversas teorias, ao considerar como determinantes da qualidade conjugal o contexto, os recursos pessoais dos cônjuges e os processos adaptativos pelos quais eles atravessam.

À luz do entendimento ecológico-sistêmico o modelo considera a interdependência e a importância desses três grupos de variáveis uma vez que todas compõem a definição da qualidade conjugal (Karney & Bradbury, 1995, Mosmann, Wagner, no prelo).

O primeiro grupo de variáveis refere-se ao contexto em que os casais estão inseridos e as conseqüentes situações estressantes geradas pelo mesmo. As vivências determinadas pelo meio são fundamentais na definição de qualidade que experenciam

estes casais. Este aspecto está relacionado, de acordo com pesquisas, a baixos índices de satisfação conjugal em casais expostos a situações estressantes tais como doenças (Gottman & Nottarius, 2000) desemprego (Fleck & Wagner, 2004) e problemas familiares (Vandervalk et al., 2004).

Especificamente sobre as vivências pessoais dos cônjuges, dados de pesquisas nacionais apontam que as experiências na família de origem explicam 10% da qualidade conjugal dos cônjuges (Falcke, 2003; Falcke, Wagner & Mosmann, no prelo). Outra variável relevante nos recursos pessoais é o nível de instrução dos cônjuges (Mupinga, Garrison & Pierce, 2002) bem como as características de personalidade (Gottman & Nottarius, 2000).

O último grupo de variáveis refere-se aos processos adaptativos. Esse grupo compreende a capacidade dos casais em superar os desafios gerados pelo contexto em que estão inseridos e sua conseqüente adaptação aos mesmos. Nesses processos a adaptabilidade conjugal aparece como fundamental aliada à capacidade de resolução de conflitos (Bradbury, Fincham e Beach, 2000).

Responsividade e Exigência

O termo responsividade é uma tradução do inglês para a dimensão *responsiveness*, e refere-se àquelas atitudes compreensivas que os pais têm para com os filhos e que visam, através do apoio emocional e da comunicação, favorecer o desenvolvimento da autonomia e da auto-estima dos filhos. A exigência, tradução do inglês de *demandingness* compreende todas as atitudes dos pais que buscam de alguma forma monitorar e controlar o comportamento dos filhos, impondo-lhes limites e estabelecendo regras (Maccoby & Martin, 1983).

A definição de responsividade e exigência foi proposta por Maccoby e Martin no início dos anos oitenta, como um modelo teórico onde através da combinação destas duas dimensões resulta a terminologia dos estilos parentais.

Apesar da ampla aceitação atual do modelo de Maccoby & Martin (1983) foi o trabalho de Baumrind (1965, 1966, 1971, 1978), que desenvolveu o estudo dos estilos parentais, ao integrar tanto os aspectos comportamentais quanto os afetivos envolvidos na criação dos filhos.

A autora elaborou uma classificação fundamentada na disciplina onde o tipo de controle exercido pelos pais pode ser identificado dentre três possibilidades: autoritário, autorizante ou permissivo.

Embora esta classificação tenha sido muito utilizada nos anos oitenta, Maccoby & Martin (1983) observaram que examinando as práticas parentais através das dimensões de responsividade e exigência se pode identificar quatro e não três estilos parentais. Para eles, as famílias caracterizadas por baixos níveis de controle podem variar em relação à intensidade da responsividade. A idéia é que independente do baixo nível de exigência, existem distintas razões para esse relaxamento na disciplina. Assim, o estilo permissivo pode ser decomposto em negligente e indulgente.

Desta forma a classificação dos autores define que pais com elevada responsividade e exigência são classificados como autorizantes; já aqueles que apresentam baixa responsividade e exigência são tidos como negligentes. Pais muito responsivos, mas pouco exigentes são categorizados como indulgentes, enquanto os muito exigentes e pouco responsivos são tidos como autoritários.

Desde a década de oitenta, diversas pesquisas, nacionais e internacionais foram realizadas relacionando os estilos educativos parentais e o desenvolvimento infantil. Especificamente, os dados comprovam que o estilo parental autorizante está mais

relacionado a uma série de aspectos do desenvolvimento tidos como positivos quando comparado aos demais estilos, como por exemplo, maturidade psicossocial, competência psicossocial (Lamborn et al., 1991), desempenho escolar (Dornbusch et al., 1987) e menos indicadores de problemas de comportamento (Predebon, 2005).

Essa característica de associação com o estilo autorizante também aparece nas pesquisas que relacionam os estilos educativos a qualidade conjugal. O estilo educativo parental autorizante é o que apresenta menor associação ao conflito conjugal, enquanto o estilo autoritário é o que mais se associa a essa variável (Lindhal & Malik, 1999).

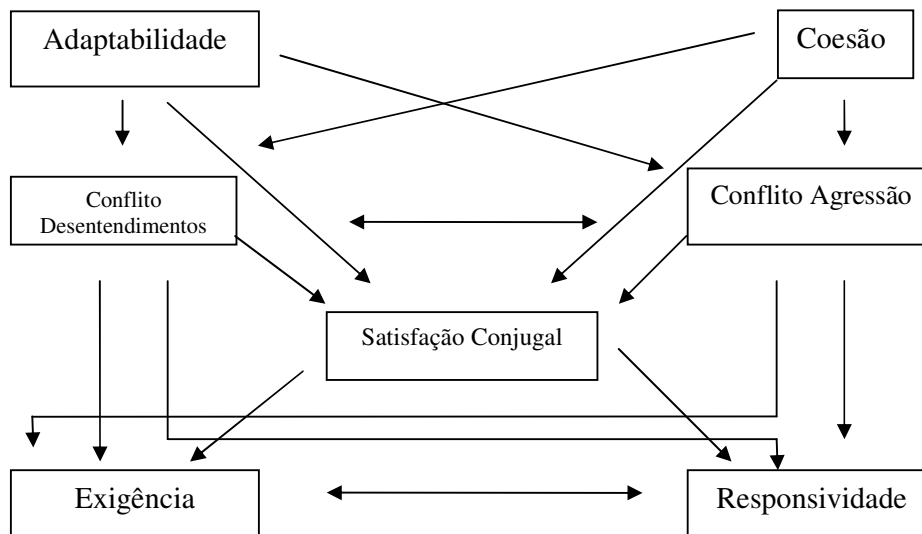
Esses resultados reforçam a idéia de que as associações mais fortes identificadas entre o conflito conjugal e a parentalidade ineficaz aparecem quando se associa altos níveis de conflito com estratégias educativas coercitivas e com baixos níveis de aceitação afetiva (Buehler & Gerard, 2002).

Modelo Conceitual

A partir da explicitação destes construtos, apresentamos um modelo conceitual, elaborado com base na literatura consultada.

Figura 1:

Mapa Conceitual proposto sobre as relações entre a conjugalidade e a parentalidade:



A partir destes supostos teórico - conceituais elaboramos as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Esperamos que a adaptabilidade e coesão relacionem-se de forma positiva com a satisfação conjugal (Olson, 2000) bem como negativamente com a variável conflito.

Hipótese 2: Esperamos que a satisfação conjugal relacione-se positivamente com a responsividade e a exigência (Webster-Stratton & Hammond, 1999).

Hipótese 3: Estimamos que os tipos de conflito irão relacionar-se positivamente com a exigência e negativamente com a responsividade (Buehler & Gerard, 2002).

Nesta perspectiva, o objetivo do presente artigo é analisar a relação entre as variáveis da conjugalidade, adaptabilidade e coesão, os níveis de conflito, os níveis de satisfação conjugal e as dimensões de responsividade e exigência, no que diz respeito ao estilo educativo parental.

Método

Amostra

Participaram deste estudo 149 casais que tinham pelo menos um filho adolescente (idade entre 13 e 19 anos) proveniente desta união, de nível sócio-econômico médio. A seleção da amostra respondeu ao critério de conveniência. A tabela abaixo apresenta a caracterização da amostra:

Tabela 1:

| | | |
|--------------------------|---------------------|---------------------------------|
| Amostra | 149 casais | |
| Idade Média | 45,7 anos (dp=7,69) | |
| Escolaridade | 12,7% | Ensino Fundamental |
| | 35,6% | Ensino médio |
| | 28,9% | Ensino superior |
| | 22,8% | Pós-Graduação |
| Ocupação | 81,9% | Trabalha fora |
| Renda Pessoal | 25,8% | Até 500 reais mensais |
| | 10,4% | Entre 500 e 1000 reais mensais |
| | 40,9% | Entre 1000 e 4000 reais mensais |
| | 9,7% | Entre 4000 e 6000 reais mensais |
| | 13,1% | Acima de 6000 reais mensais |
| Situação Conjugal | 85,2% | Casados oficialmente |
| | 14,8% | União estável |
| Tempo de união | 22,4 anos (dp=5,4) | |
| Número de filhos | 13,4% | 1 filho |
| | 50,7% | 2 filhos |
| | 28,9% | 3 filhos |
| | 6,7% | 4 filhos |
| | 0,3% | 6 filhos |

Em síntese, observa-se na tabela que os casais deste estudo, maioritariamente estavam casados oficialmente, apresentaram tempo médio de união de 22,4 anos e a maior parte tem de 2 a 3 filhos.

Instrumentos

O instrumento estava composto de cinco partes: Dados de identificação, Escala de Satisfação Conjugal (GRIMS), Escala de Avaliação da Coesão e da Adaptabilidade Conjugal (FACES III), Escala de Conflito Conjugal e Escala de Estilos Educativos.

Parte I – Dados de Identificação

Foram coletadas informações relativas à idade, nível de escolaridade, ocupação atual, carga horária de trabalho e renda pessoal. Levantaram-se também dados sobre o/a companheiro/a e a família do sujeito.

Parte II – Escala de Satisfação Conjugal – The Golombok Rust Inventory of Marital State - GRIMS

O GRIMS (Rust et al, 1988) é constituído por 28 itens, os quais o sujeito deve pontuar em uma escala Likert de 4 pontos (*discordo fortemente, discordo, concordo e concordo fortemente*). Esta escala mede a qualidade do relacionamento conjugal através de dimensões que são consideradas importantes para um bom relacionamento. São elas: satisfação, comunicação, interesses compartilhados, confiança e respeito. Na pontuação da escala, verifica-se que quanto maiores os escores obtidos, mais severos são os problemas no relacionamento conjugal. O coeficiente Alpha de Cronbach obtido para o GRIMS foi de 0,80 (Rust et al., 1988, traduzida e adaptada à língua portuguesa por Falcke, 2003).

Parte III - Escala de avaliação da coesão e adaptabilidade familiar - Faces III.

O Faces III é uma escala com vinte itens pontuados em uma escala Likert de 5 pontos (*quase nunca, alguma vez, às vezes, com frequência, quase sempre*) para avaliar a coesão e adaptabilidade familiar e conjugal (Olson, 1979, traduzido e adaptado por Falceto, 1997).

O procedimento de pontuação realiza-se, na dimensão de coesão, através da soma dos itens ímpares e, na dimensão adaptabilidade, pela soma de todos os itens pares (Córdoba, 1989).

O coeficiente Alpha de Cronbach obtido para a dimensão coesão foi de 0,78 e para adaptabilidade 0,72.

Parte IV – Escala de Conflito Conjugal

A escala é constituída por 9 itens que são apresentados separadamente devido ao enunciado ficando assim, dividida em duas sub-escalas. A primeira denominada “*conflito - desentendimentos*” possui 6 itens que referem-se à frequência com que os sujeitos experimentaram desentendimentos com seus parceiros no ultimo ano medida em uma escala Likert de 6 pontos (*nunca, uma vez ao mês ou menos, diversas vezes ao mês, aproximadamente uma vez por semana, diversas vezes por semana, quase todos os dias*). A outra sub-escala denominada “*conflito-agressão*” possui 3 itens que são pontuados em uma escala Likert de 5 pontos (*nunca, raramente, algumas vezes, frequentemente, sempre*) 1 item mede a frequência com que o sujeito lida de forma calma com os conflitos (codificado invertido) e dois itens medem a frequência de discussões e agressões. Possui um escore médio sendo que os escores maiores representam altos níveis de conflito (Buehler & Gerard, 2002).

O coeficiente Alpha de Cronbach obtido para a escala foi de 0,71.

Parte V – Escala de Estilos Parentais

A escala de estilos parentais foi desenvolvida por Lamborn et al. (1991) com objetivo de classificar as práticas parentais dentro das dimensões de responsividade e exigência propostas por Maccoby & Martin (1984).

No presente estudo foi utilizada a última versão traduzida e adaptada ao português por Teixeira et al. (2004). Os índices de consistência interna encontrados foram muito bons sendo o Alpha de Cronbach da escala de responsividade 0,82 e da escala de exigência 0,73.

Através destas duas sub-escalas pontuadas em uma escala Likert de 4 pontos (*quase nunca, raramente, às vezes, geralmente, quase sempre*) se obtém uma classificação das práticas parentais dentre os quatro estilos teoricamente definidos: autoritário, autorizante, negligente e indulgente (Lamborn et al.1991).

Procedimentos para Coleta de Dados

Foi realizada uma seleção para voluntários de pesquisa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) que foram treinados para aplicar os questionários nos participantes. Devido os voluntários serem provenientes não somente da cidade de Porto Alegre/RS muitos aplicaram questionários no interior do Rio Grande do Sul/RS.

O voluntário fazia contato com os casais e marcava um encontro para aplicação do instrumento. Os questionários estavam em um envelope para cada um dos cônjuges juntamente com uma carta com instruções sobre a pesquisa e o termo de consentimento livre e esclarecido.

O casal era orientado a responder separadamente os questionários e após terminarem devolviam ao aplicador junto ao termo de consentimento livre e esclarecido

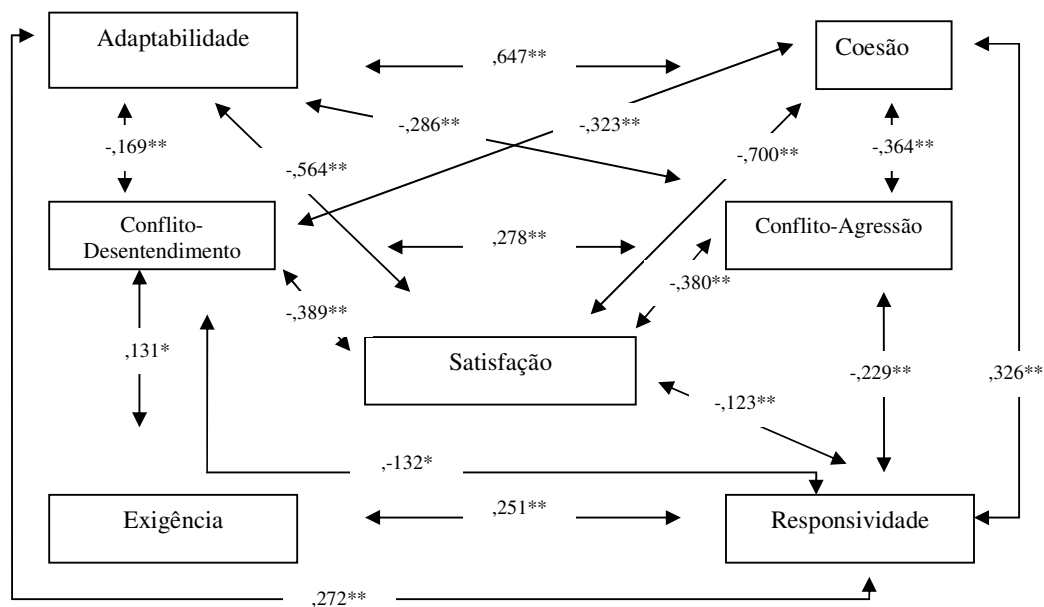
A tabela mostra que houve associações estatísticas significativas entre todas as variáveis do estudo (adaptabilidade, coesão, satisfação, conflito-desentendimentos, conflito-agressão e responsividade) exceto a exigência, que se associou significativamente apenas com a variável conflito-desentendimentos e a responsividade. Todas as correlações apresentaram-se nas direções esperadas.

É importante salientar que os resultados da escala de satisfação conjugal mostraram-se negativos porque de acordo com a pontuação da escala, quanto maiores os escores obtidos, mais severos são os problemas no relacionamento conjugal, ou seja, os resultados para essa variável devem ser entendidos de forma invertida.

Desta forma, o modelo proposto inicialmente foi comprovado quase em sua totalidade, ficando assim demonstrado graficamente:

Figura 2:

Mapa Conceitual sobre as relações entre a conjugalidade e a parentalidade:



Nossas hipóteses foram parcialmente confirmadas. Como esperamos, a adaptabilidade e a coesão relacionaram-se de forma positiva com satisfação conjugal e negativamente com as duas variáveis de conflito. Da mesma forma, o conflito relacionou-

se negativamente com a responsividade e positivamente com a exigência. Entretanto, a satisfação conjugal relacionou-se positivamente com a responsividade, conforme esperávamos, mas não apresentou relação significativa com a exigência.

Neste sentido, dois resultados mostraram-se fora de nossas expectativas. A variável exigência que se relacionou apenas com a responsividade e com o conflito-desentendimento e a correlação bi-direcional entre praticamente todas as variáveis.

Esse dado é particularmente interessante se analisado desde uma perspectiva ecológico - sistêmica, pois comprova a interdependência das variáveis e o processo interativo que se estabelece entre elas.

Especificamente, a adaptabilidade e a coesão mostraram ter um caráter linear uma vez que aumentam ou diminuem na mesma medida em que interagem com as outras variáveis, influenciam-se e são influenciadas mutuamente. Esse dado está de acordo com os achados de Perosa & Perosa (2002) que realizaram uma pesquisa com 180 adultos jovens norte-americanos sobre a sua percepção acerca de coesão, adaptabilidade e comunicação de suas famílias e sua relação com a capacidade dos jovens de resolver problemas. Os resultados indicaram que a adaptabilidade e a coesão apresentaram uma relação linear positiva com a expressividade e clareza na comunicação e a capacidade de resolução de problemas. Para os sujeitos desta pesquisa existe uma direta correspondência entre a capacidade da família em alterar comportamentos, papéis e regras ao longo do tempo e de sentirem-se confortados expressando seus sentimentos, clareza na comunicação e sua habilidade em manejar situações estressantes.

O mesmo pode ser entendido para os casais desta pesquisa. Parece que a capacidade de adaptar-se às demandas do ciclo vital familiar, e das necessidades do contexto, aliadas a uma alta conexão emocional entre os cônjuges leva a um aumento nos

níveis de satisfação conjugal, baixos níveis de conflito e alta responsividade com relação aos filhos.

Esses dados sustentam a hipótese “*Spillover*” de influência da conjugalidade sobre a parentalidade. A julgar pelo caráter interativo e bi-direcional de influência entre as variáveis constatado no presente estudo, parece não ser possível que os casais consigam separar as suas questões conjugais de suas práticas parentais.

Nesse caso, as relações estatísticas significativas que se esboçaram entre as variáveis desta pesquisa, demonstram a importância da conjugalidade em relação à parentalidade. Identifica-se que existe um processo de co-construção de interação que se baseia no intercâmbio entre os subsistemas conjugal e parental, ou seja, é um processo dinâmico de interdependência.

Desta forma, o estabelecimento do subsistema conjugal como fundador da família mantém sua importância, pois as características que o definem no que se refere aos níveis de adaptabilidade e coesão, a satisfação e o nível de conflito relaciona-se com a responsividade e, em parte, com a exigência que tem com seus filhos. Entretanto, de acordo, com nossos dados, esse processo parece não ser estanque. Assim, na medida em que os casais possuem altos níveis de adaptabilidade e coesão parecem ter níveis maiores de satisfação conjugal e menores índices de conflito e, como consequência, tendem a ser muito responsivos com seus filhos. Sendo assim, existe uma retroalimentação entre essas variáveis que parece estimular ainda mais essa interação positiva. O mesmo funcionamento parece ser verdadeiro para as interações negativas.

Se a maior parte das variáveis mostrou uma correlação esperada, perguntamo-nos o que ocorreu com a variável exigência, a qual se relacionou apenas com a variável conflito-desentendimentos e a responsividade? De acordo com a definição teórica de exigência (Maccoby & Martin, 1983) esta abarca todas as atitudes dos pais que buscam de alguma

forma monitorar e controlar o comportamento dos filhos, impondo-lhes limites e estabelecendo regras. Na maior parte das pesquisas sobre os estilos educativos, maiores níveis de responsividade e exigência (estilo educativo autorizante) apresentam associações negativas com conflito conjugal (Gerard, Krishnakumar & Buehler, 2006, Webster-Stratton & Hammond, 1999). Entretanto, em nossa pesquisa a relação entre a exigência e o conflito-desentendimentos é positiva demonstrando que para essa amostra quanto maior o nível de conflito entre o casal, mais exigentes são com seus filhos.

Esse dado salienta a necessidade de um refinamento acerca da definição teórica da variável exigência. Essa questão tem sido levantada por alguns estudiosos (Shek, 2006) e recentemente corroborada pela própria precursora no estudo desta dimensão, Baumrind (2005).

Esses autores postulam que a dimensão exigência parental é um conceito muito amplo que abrange todos os tipos de controle que os pais exercem sobre os filhos, quando na realidade isso não é possível. Shek (2006) sugere que haja um desmembramento da dimensão exigência entre dois tipos de controle parental, o comportamental e o psicológico. O primeiro refere-se à definição de exigência adotada no presente estudo e o segundo seria o controle parental através de sentimentos negativos. Inclui teoricamente, a infantilização das crianças, restrição possessiva das brincadeiras infantis, indução à culpa, retirada do afeto, expectativas irreais, ignorar os filhos e promover ataques pessoais.

Esta talvez seja uma explicação para o fato da exigência não ter apresentado relação com as variáveis adaptabilidade, coesão, satisfação conjugal e conflito – agressão. Provavelmente, a mensuração desse construto, na escala de estilos educativos utilizada nesta pesquisa não apreende essa dimensão de forma refinada.

Esse resultado está em consonância com os dados de uma pesquisa norte-americana, realizado para verificar a relação entre os estilos educativos parentais e as

habilidades pessoais dos estudantes. 660 jovens com idade média de 17,9 anos responderam a uma bateria de questionários sobre as dimensões responsividade e exigência e as habilidades pessoais (Slicker, Picklesimer, Guzak, & Fuller, 2005).

Os resultados mostraram que a responsividade relacionou-se positivamente com todas as habilidades pessoais enquanto a exigência não teve relação estatística positiva com nenhuma delas. Esses resultados se mantiveram mesmo considerando as variáveis sócio-demográficas: sexo, idade e nível sócio-econômico.

Além deste entendimento, a relação positiva e bi-direcional entre a exigência e o conflito-desentendimentos possui larga comprovação em pesquisas internacionais. Os dados dessas pesquisas demonstram que o conflito conjugal tem uma influência constante no desempenho parental por aumentar a predisposição para o controle coercitivo (Gerard & Buheler, 2002, Gerard, Krishnakumar, & Buheler, 2006).

Neste sentido, parece bastante relevante diferenciar o tipo de exigência parental que se busca investigar. Talvez, se houvesse um maior refinamento conceitual desta dimensão na escala utilizada no presente estudo, a natureza destas associações pudesse ser mais bem trabalhada.

Apesar destas questões, de forma geral, o modelo de relação entre as variáveis identificado nos fornece um panorama de interações bastante interessante entre a conjugalidade e a parentalidade.

Pode-se dizer que casais com maior nível de adaptabilidade e coesão tendem a apresentar maior satisfação conjugal e aparentemente tem mais habilidades para resolver seus problemas tendo menores índices de conflito tanto em nível de desentendimentos quanto agressões e como conseqüência são mais responsivos às necessidades de seus filhos.

Esse mecanismo chama atenção para o fato de que muitos pais preocupam-se com suas habilidades parentais como se elas fossem separadas de suas habilidades pessoais. O senso comum tende a difundir uma idéia baseada em uma análise das relações que se estabelecem entre pais, filhos e o subsistema conjugal de que frustrações conjugais, por exemplo, podem ser recompensadas na relação com os filhos. Estes achados apontam para a conexão entre uma negativa capacidade de resolver problemas conjugais e consequente práticas parentais coercitivas, altas em exigência e baixas em reponsividade. Isso sustenta a idéia de que, mesmo que os pais tentem manter suas habilidades parentais independente das dificuldades de casal, isso não é efetivo, uma vez que seus filhos são afetados diretamente por seus estilos de manejar os conflitos conjugais, lidar com as dificuldades do contexto, com o grau de afeto que possuem e o conseqüente ambiente familiar que criam para seus filhos.

Esta perspectiva indica que, de acordo com os achados deste estudo, as dificuldades dos pais não estão em suas habilidades parentais e sim numa falta de habilidade de resolver problemas em geral. Esses pais são casais que possuem problemas em lidar com seus afetos, conflitos, comunicação e em conseqüência com os desentendimentos conjugais e as questões parentais. Isso cria uma cadeia de influencias mútuas entre o matrimônio e a parentalidade.

Considerações Finais

Essa perspectiva de pensar a parentalidade associada à conjugalidade nos oferece alguns endereçamentos no trabalho de intervenção com casais. Desde uma perspectiva clínica, esses achados sugerem que processos conjugais disfuncionais devem ser analisados de forma preventiva no sentido auxiliar no desenvolvimento saudável dos filhos. Essa questão é de extrema importância uma vez que os problemas na família tendem a aparecer compartimentalizados, e em grande parte das vezes, sendo um dos filhos como paciente identificado.

Considerando a evidência da mútua influência entre a conjugalidade e a parentalidade, casais com problemas conjugais deveriam receber auxílio tanto para as questões conjugais quanto para suas conseqüências na parentalidade. Esse processo dinâmico e interativo caracteriza as relações familiares e sua complexidade deveria ser o foco das intervenções clínicas.

Os profissionais que trabalham com casais podem facilitar uma mudança positiva no sistema familiar auxiliando os indivíduos com dificuldades conjugais a aprender a monitorar e auto-regular suas emoções no sentido de minimizarem os efeitos do “transbordamento” da conjugalidade para a parentalidade.

Ademais esses esforços deveriam centrar-se em promover o desenvolvimento de habilidades pessoais nestes casais, uma vez que ficou evidenciado que a dificuldade em resolver problemas de forma geral influencia na conjugalidade e conseqüentemente na parentalidade.

Futuras pesquisas poderiam auxiliar em um maior entendimento desses processos ao incluir a perspectiva dos filhos neste modelo de relação. Neste estudo, optamos por analisar somente a percepção dos casais, mas sabe-se que os filhos tendem a perceber de

formas diferentes os processos familiares. Sendo assim, agregar as informações de mais um subsistema, certamente ampliaria o entendimento podendo ser bastante esclarecedor.

Ademais, estudos longitudinais poderiam nos oferecer um panorama do quão estáveis são essas relações ao longo do ciclo vital familiar. Assim como, aliar o emprego de escalas a outras técnicas, como por exemplo, entrevistas e observações, poderia auxiliar de maneira importante no entendimento desses processos.

Referências

- Baumrind, D. (1965). Parental control and parental love. *Children*, 12, 230-234.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1971). Harmonious parents and their preschool children. *Development Psychology*, 4(1), 99-102.
- Baumrind, D. (1978). Reciprocal rights and responsibilities in parent-child relations. *Journal of Social Issues*, 34(2), 179-197.
- Baumrind, D. (2005). Patterns of Parental Authority and Adolescent Autonomy. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 108, 61-69.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Bradbury, T. N, Fincham, F. D., Beach, S. R. H. (2000) Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of Marriage and the Family*, 62 (4), 964-980.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Buehler, C. & Gerard, J. M. (2002). Marital Conflict, ineffective parenting, and children's and adolescents' maladjustment. *Journal of Marriage and Family*, 64 (1), 78-93.
- Conger, R. D., Conger, K. J., Elder, G. H., Lorenz, F. O., Simons, R. L., & Whitbeck, L. B. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent sons. *Child Development*, 63, 526-541.
- Conger, R. D., Conger, K. J., Elder, G. H., Lorenz, F. O., Simons, R. L., & Whitbeck, L. B. (1993). Family economic stress and adjustment of early adolescent daughters. *Developmental Psychology*, 29(2), 206-219.
- Córdoba, A. H. (1989). Famílias Clínicas em Bogotá: su funcionamiento según el modelo circunplejo de D.H. Olson. *Monografía*. Bogotá.

- Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Interventions as tests of family systems theories: Marital and family relationships in children's development and psychopathology. *Development and Psychopathology*, 14, 731–759.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital discord on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43, 31–63.
- Davies, P. T., Cummings, E. M. & Winter, M. A. (2004). Pathways between profiles of family functioning, child security in the interparental subsystem, and child psychological problems. *Development and Psychopathology*, 16, 525–550.
- Dornbusch, S. M., Rittter, P. R., Leiderman, P. H., Roberts, D. F. & Frailegh, M. J. (1987) The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child Development*, 8, 1244-1257.
- El-Sheikh, M., & Elmore–Staton, L. (2004). The marital conflict–child adjustment link: Parent–child conflict, perceived attachments, and parental depression as potentiators and mitigators of risk. *Development and Psychopathology*, 16, 631–648.
- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin* 118 (1), 108-132.
- Escala de Conflito Conjugal. Disponível em <http://ssc.wisc.edu/nsfh>. Acesso em agosto de 2004.
- Falceto, O. G. (1997). Famílias com desenvolvimento funcional e disfunciona: validação das escalas diagnósticas Faces III, Beavers – Timberlawn e Avaliação Global do Funcionamento Interacional (Garf). *Dissertação de Mestrado*. Medicina. UFRGS.
- Falcke, D. (2003). Àguas passadas não movem moinhos?: As experiências na família de origem como preditoras da qualidade do relacionamento conjugal. *Tese de Doutorado*. Psicologia. PUCRS. 185f.
- Falcke, D., Wagner, A. & Mosmann, C. (2007). The relationship between family-of-origin and marital adjustment for couples in Brazil". *Journal of Family Psychoterapy*, (no prelo).
- Fleck, A. & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8 (número especial), 31-38.

- Gerard, J. M., Krishnakumar, A. & Buheler, C. (2006). Marital Conflict, Parent-Child Relations, and Youth Maladjustment A Longitudinal Investigation of Spillover Effects. *Journal of Family Issues*, 27(7), 951-975.
- Jouriles, E. N., Murphy, C. M., Farris, A. M., Smith, D. A., Richters, J. E., & Everett, W. (1991). Marital adjustment, parental disagreements about child rearing, and behavior problems in boys: increasing the specificity of the marital assessment. *Child Development*, 62, 1424-1433.
- Jouriles, E. N., Norwood, W. D., McDonald, R., & Peters, B. (2001). Domestic violence and child adjustment. In J. Grych & F. Fincham (Eds.), *Child development and interparental conflict* (pp. 315-336). New York: Cambridge University Press.
- Kaczynski, K. J., Lindahl, K. M., Malik, N. M., Laurenceau, J. P. (2006). Marital Conflict, Maternal and Paternal Parenting, and Child Adjustment: A Test of Mediation and Moderation. *Journal of Family Psychology*, 20 (2), 199–208.
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). Assessing longitudinal change in marriage: An introduction to the analysis of growth curves. *Journal of Marriage and the family*, 57, 1091-1108.
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A metaanalytic review. *Family Relations*, 49, 25-44.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.
- Lindhal, K. M. & Malik, N. M. (1999). Marital conflict, family processes, and boy's externalizing behavior in hispanic american and european families. *Journal of Clinical and Child Psychology*, 28(1), 12-24.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em E. M. Hetherington (Org.), P. H. Mussen (Org. Série), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (4a ed., pp. 1-101). New York: Wiley.
- Margolin, G., Gordis, E. B., & Oliver, P. H. (2004). Linkages across marital, parent-child, and triadic interactions: Family systems perspectives. *Development and Psychopathology*, 16, 753–772.

- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mosmann, C. & Wagner, A. Qualidade Conjugal: Um conceito Multidimensional, (*no prelo*).
- Mupinga, E. E., Garrison, M. E. B., Pierce, S. H. (2002). An Exploratory Study of the Relationships between Family Functioning and Parenting Styles: The Perceptions of Mothers of Young Grade School Children. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 31, 1, 112-129.
- Olson, D. (2000) Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Olson, D., Russell, C., & Sprenkle, D. (1983). Circumplex model of marital and family systems: VI. Theoretical update. *Family Process*, 22, 69-83.
- Olson, D., Sprenkle, D., & Russell, C. (1979). Circumplex model of marital and family systems: I. Cohesion and adaptability dimensions, family types, and clinical applications. *Family Process*, 18, 3-15.
- Patterson, G. R., DeBaryshe, B. D., & Ramsey, E., (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, 44 (2), 329-335.
- Perosa, L. M. & Perosa, S. L. (2001). Adolescent Perceptions of Cohesion, adaptability, and Communication: Revisiting the Circumplex Model. *The Family Journal: Counseling and Therapy For Couples And Families*, 9 (4), 407-419.
- Predebon, J. C. (2005). Variáveis predictoras dos problemas de comportamento na adolescência. *Tese de Doutorado*. Psicologia. PUCRS. Porto Alegre, 216 f.
- Rust, J., Bennun, I., Crowe, M., & Golombok, S. (1988). *The Golombok Rust Inventory of Marital State*. Windsor: NFER-NELSON.
- Shek, D. T. (2000). Parental marital quality and well-being, parent-child relational quality, chinese adolescent adjustment. *American Journal of Family Therapy*, 28 (2), 147-162.
- Shek, D. T. (2006). Perceived Parental Behavioral Control and Psychological Control in Chinese Adolescents in Hong Kong. *The American Journal of Family Therapy*, 34, 163-176.

- Sillars, A., Canary, D. J. & Tafoya, M. (2004). In A. L. Vangelisti (Ed.). *Handbook of Family Communication*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Slicker, E. K, Picklesimer, B. K., Guzak, A. K., Fuller, D. K. (2005). The relationship of parenting style to older adolescent life-skills development in the United States. *Young* 13; 227-245.
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., Gomes, W. B. & Hutz, C. S. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 3(1), p. 1-11.
- Vandervalk, I., Spruijt, E., De Goede, M., Meeus, W., Maas, C. (2004). Marital Status, Marital Process, and Parental Resources in Predicting Adolescents' Emotional Adjustment: A Multilevel Analysis. *Journal of Family Issues*, 25 (3), 291-317.
- Webster-Stratton, C. & Hammond, M. (1999). Marital conflict management skills, parenting style, and early – onset conduct problems: processes and pathways. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40 (6), 917-927.

ARTIGO 3:

A QUALIDADE CONJUGAL COMO PREDITORA DOS ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS: O PERFIL DISCRIMINANTE DE CASAIS COM FILHOS ADOLESCENTES

A Qualidade Conjugal como Preditora dos Estilos Educativos Parentais: O Perfil Discriminante de Casais com Filhos Adolescentes

Clarisse Mosmann*
Adriana Wagner**

Resumo

O presente estudo buscou-se traçar um perfil discriminante de casais entre as dimensões da qualidade conjugal, adaptabilidade, coesão, satisfação, nível de conflito conjugal, as variáveis sócio-demográficas, e os estilos educativos parentais exercidos com seus os filhos. Para tanto utilizou-se uma amostra de 149 casais com, no mínimo um filho adolescente, de nível sócio-econômico-médio, residentes na cidade de Porto Alegre e no interior do Rio Grande do Sul. Foi utilizado um instrumento composto de quatro escalas: três para mensurar as dimensões da conjugalidade e uma para as dimensões da parentalidade. Os resultados mostraram que as dimensões da qualidade conjugal se expressam de forma efetiva e dinâmica nas variáveis que compõe os estilos educativos parentais. Ademais esses resultados mostraram uma coerência de funcionamento entre as características individuais dos cônjuges tanto no exercício da conjugalidade quanto da parentalidade.

Palavras-Chave: Qualidade Conjugal, Estilos Educativos Parentais, Relações entre Subsystemas.

Abstract

The present study aimed to draw a discriminating profile of couples taking into consideration the dimensions of marital quality, adaptability, cohesion, satisfaction, level of marital conflict, the social-demographic variables and the parental rearing styles practiced with their children. Therefore it was used a sample of 149 middle class couples with at least one teenage child, living in Porto Alegre city or in the countryside of Rio Grande do Sul. It was used an instrument composed of four scales: three to measure the dimensions of marital relationship and one for the dimensions of parenting. The results showed that the dimensions of marital quality express themselves in a dynamic and effective way in the variables which compose the parental rearing styles. Moreover, these results showed a coherence of functioning between the individual characteristics of the spouses concerning the practice of marital relationship as well as parenting.

Key words: marital quality, parental rearing styles, subsystem relations.

* Psicóloga. Doutoranda em Psicologia – PUCRS. Terapeuta de Casal e Família.

** Doutora em Psicologia. Professora – Adjunta da Faculdade e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Dinâmica das Relações Familiares” PUCRS. Terapeuta de Casal e Família.

Introdução

Atualmente um grande número de estudos tem documentado as associações entre a qualidade do relacionamento conjugal e a relação parental. Especificamente, sabe-se que algumas dimensões da conjugalidade, como o conflito conjugal, pode expressar-se em práticas educativas coercitivas e com pouca proximidade afetiva, entretanto, essa conexão não termina por explicar a natureza dessas associações (Frosch & Mangeldorf, 2001, Buehler & Gerard, 2002, Davies, Sturge-Apple & Cummings, 2004).

De acordo com a literatura, a maneira como a conjugalidade se expressa na parentalidade pode ser entendida através do conceito denominado “*Spillover*” (Erel & Burman, 1995; Krishnakumar & Buehler, 2000). O conceito “*Spillover*” é originado de distintas orientações teóricas como a teoria do estresse (Conger et al. 1992, 1993), a teoria da aprendizagem social (Patterson, 1989), a teoria ecológico-sistêmica (Bronfenbrenner, 1996) e teoria dos sistemas familiares (Minuchin, 1982).

A hipótese “*Spillover*” sustenta uma relação de influência direta, ou seja, a forma como se estabelecem as relações conjugais terão conseqüências que transbordarão e atingirão a relação pais e filhos. Assim, se as relações conjugais se estabelecem de forma negativa seus efeitos serão diretos e influenciarão negativamente os filhos (Erel & Burman, 1995).

No início da década de 2000, Krishnakumar & Buehler realizaram uma meta-análise com objetivo de comprovar os achados de Erel & Burman na década de noventa. Os pesquisadores encontraram associação entre o conflito conjugal e práticas parentais ineficazes, as correlações mostraram-se mais fortes entre o conflito conjugal, práticas punitivas e falta de aceitação afetiva com os filhos (Krishnakumar & Buehler, 2000).

¹*Spillover: pode ser traduzido como transbordar*

Nesta perspectiva, no final dos anos noventa, Almeida, Wetherington & Chandler (1999) já haviam apontado essa relação ao identificar através de uma pesquisa com anotações diárias sobre a vida conjugal e parental de casais norte-americanos, que tanto as mães quanto os pais mostraram-se 50% mais propensos a interagir de forma agressiva e menos responsiva com seus filhos, no dia em que haviam tido algum desentendimento com seu cônjuge.

Esses resultados sustentam o entendimento da teoria da aprendizagem social (Patterson, 1989) de que um casal com poucas habilidades em resolver problemas conjugais, definido como inabilidade em colaborar com o outro, comunicar-se de forma positiva e ser capaz de regular afetos negativos, não terá também essas habilidades como progenitores e conseqüentemente, terá pouca capacidade de responder de forma afetiva e consistente as necessidades de seus filhos (Webster-Stratton & Hammond, 1999).

O estudo longitudinal desenvolvido por Gerard, Krishnakumar & Buheler (2006), investigou as relações entre o conflito conjugal, a parentalidade e o ajustamento dos filhos, através de uma amostra de 551 pais norte-americanos e mostrou que a relação entre essas variáveis se mantiveram estáveis do período da meia-infância até a adolescência de seus filhos.

Entretanto, os resultados mostram que as conexões são estáveis tanto para o conflito conjugal e a hostilidade parental, como também para baixos níveis de conflito e altos níveis de envolvimento parental. Isso indica que os filhos são atingidos tanto pelas dimensões negativas quanto positivas da conjugalidade.

Nesta perspectiva, identifica-se que, atualmente, os pesquisadores começaram a desenvolver observações mais detalhadas das interações conjugais (Cummings & Davies, 2002, Davies, Cummings & Winter, 2004) precisamente, para tentar identificar os processos que conectam a relação conjugal com a parentalidade. Esses estudos mostraram

a importância de avançar das perspectivas individuais e globais para a investigação dos modelos de interação entre as variáveis.

O esforço atual dos pesquisadores centra-se em identificar de forma mais complexa esses modelos de interação. Essas novas direções consideram a atuação de múltiplos fatores de influência e efeitos ao longo do tempo (Gerard, Krishnakumar & Buehler, 2006). Em suma, essa chamada “segunda geração” (Cummings & Davies, 2002) de investigações procura ampliar o entendimento dos processos e conexões entre os dois subsistemas: conjugal e parental.

Neste sentido, diversas pesquisas norte-americanas passaram a propor modelos de relação entre determinadas dimensões da conjugalidade, da parentalidade e seus reflexos no ajustamento infantil. A maior parte dessas investigações analisa a relação entre o conflito, práticas parentais coercitivas e o ajustamento infantil (Webster-Stratton & Hammond, 1999, Buehler & Gerard, 2002). Porém, identifica-se uma lacuna nas investigações ao não considerarem outras dimensões da conjugalidade tais como a adaptabilidade, a coesão e a satisfação conjugal, variáveis que possuem relação comprovada com o funcionamento conjugal e familiar (Lindahl & Malik, 1999, Mosmann & Wagner, (no prelo), Johnson, 2002).

A pesquisa realizada por Johnson (2002), com adultos jovens norte-americanos, mostrou que as famílias onde se identifica relacionamentos baseados na coesão e que demonstram bons níveis de adaptabilidade, são núcleos favorecedores do desenvolvimento de filhos sensíveis a tais características. O autor pesquisou a associação que estes adultos jovens fazem entre as características do relacionamento conjugal de seus pais (adaptabilidade, coesão e conflito) e a sua relação com os mesmos. O pesquisador identificou que os adultos jovens que percebem e definem seus pais com capacidade de

resolução de conflitos, apresentando compromisso, argumentação e negociação entre eles, também se auto-avaliam como pessoas organizadas e dotadas das mesmas características.

Neste mesmo estudo, altos níveis de adaptabilidade e coesão mostraram-se associados a baixos níveis de conflito familiar. Jovens que reportaram baixos níveis de coesão e adaptabilidade entre seus pais, foram mais propensos a relatar conflito verbal e físico entre eles e seus pais que os jovens que relataram médios e altos níveis de coesão e adaptabilidade entre seus pais. Isso sugere que se os pais são capazes de manter um relacionamento próximo afetivamente e compreensivo com seu cônjuge, os jovens tendem a perceber o ambiente familiar como coeso e afetivo, onde normalmente, se utiliza técnicas de resolução de conflito baseadas na argumentação.

Esses resultados sugerem um panorama interessante de interação entre a conjugalidade e parentalidade, assumindo a relação entre a adaptabilidade e a coesão, com o conflito conjugal, podemos pensar também que essa associação se expressa em relação à satisfação conjugal. Esses casais que possuem altos níveis de adaptabilidade e coesão, provavelmente, experimentam altos níveis de satisfação conjugal, e em consequência, baixos níveis de conflito. Sendo assim, todas essas dimensões em interação parecem se refletir em práticas educativas mais responsivas e menos coercitivas (Mosmann & Wagner, no prelo).

Seguindo essa linha de entendimento, Olson & DeFrain (2000) propuseram uma integração do modelo Circumplexo (Olson, Sprenkle, & Russell, 1979, Olson, Russell & Sprenkle, 1983, Olson, 2000) com os estilos educativos parentais de Baumrind (1965, 1971, 1978, 1996).

No modelo circumplexo de Olson, a coesão é definida como o grau de conexão emocional entre os membros do casal. Níveis equilibrados de coesão indicam um relacionamento saudável com senso de proximidade afetiva e com independência entre os

cônjuges. Níveis muito alto ou muito baixos de coesão indicariam problemas para o funcionamento conjugal.

A adaptabilidade é definida como a capacidade do casal de mudar e se adaptar em resposta a problemas situacionais ou do ciclo vital familiar. Assim como a coesão, níveis equilibrados de adaptabilidade estariam associados a um melhor funcionamento conjugal e níveis extremos, muito alto ou muito baixos a dificuldades no relacionamento conjugal.

Com relação aos estilos parentais, a tipologia proposta por Baumrind (1965) classifica o tipo de aceitação afetiva (responsividade) e o tipo de controle (exigência) exercido pelos pais através de três possibilidades: autoritário, autorizante ou permissivo.

Embora esta classificação tenha sido utilizada em diversas pesquisas nos anos oitenta, Maccoby & Martin (1983) propuseram uma ampliação deste entendimento através das dimensões de responsividade e exigência e desmembraram o estilo permissivo em negligente e indulgente. Isto se baseou no entendimento destes pesquisadores de que pais que possuem baixos níveis de exigência podem variar na intensidade da responsividade. Assim, o estilo permissivo foi ser decomposto em negligente e indulgente.

Desta forma a classificação dos autores (Maccoby & Martin, 1983) define que pais com altos níveis de responsividade e exigência são classificados como autorizantes; em contraponto pais que apresentam baixos níveis de responsividade e exigência são tidos como negligentes. Pais com altos índices de responsividade, mas pouco exigentes são categorizados como indulgentes, enquanto os que apresentam altos níveis de exigência e pouca responsividade são tidos como autoritários.

O entendimento de que as relações entre as dimensões da conjugalidade e da parentalidade necessitam de mais modelos explicativos de interação propiciou esta integração proposta por Olson & DeFrain (2000). Os autores associaram teoricamente o estilo autorizante (alta responsividade e alta exigência) a níveis equilibrados da dimensão

adaptabilidade e da dimensão coesão no subsistema conjugal. O estilo permissivo (alta responsividade e baixo controle) foi relacionado a níveis muito altos de adaptabilidade e coesão conjugal. O estilo autoritário (alta exigência e baixa responsividade) foi associado a baixos níveis de adaptabilidade, mas índices muito altos de coesão entre os cônjuges.

Esse entendimento teórico foi testado na pesquisa realizada por Mupinga, Garrison & Pierce (2002), com 151 mães norte-americanas que teve o objetivo de examinar a relação entre o funcionamento conjugal e os estilos educativos parentais. Os resultados mostraram de forma geral, que níveis médios de coesão e adaptabilidade relatados pelas mães, se relacionaram positivamente com o estilo parental autorizante desempenhado por elas, e que níveis muito altos dessas dimensões associaram-se ao estilo parental autoritário. Neste estudo não houve associação significativa entre as dimensões do funcionamento conjugal e o estilo parental permissivo.

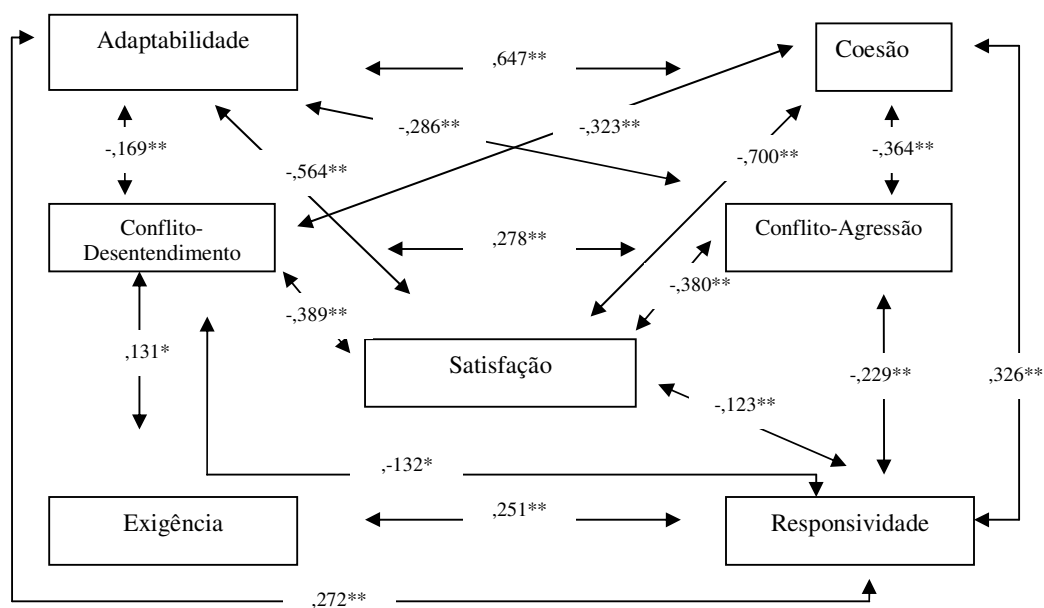
Embora os resultados não possam ser generalizados, neste estudo os níveis médios das dimensões adaptabilidade e coesão da relação conjugal destas mães apresentaram relação significativa com o estilo parental autorizante e mostraram ser um preditor mais potente que suas variáveis sócio-demográficas (idade, nível de escolaridade e renda pessoal). Ou seja, as mães que apresentaram essas características de dinâmica conjugal são de forma geral mais responsivas no relacionamento com seus filhos. Esse padrão de interação deriva de um casal que possui flexibilidade para se adaptar as circunstâncias e também, proximidade afetiva entre os membros. Esse funcionamento pode resultar em uma família com melhor capacidade para enfrentar as dificuldades do contexto em que está inserida.

De forma geral, os resultados deste estudo sustentam a integração realizada por Olson e DeFrain's (2000), entretanto, o fato de algumas associações não terem sido comprovadas estatisticamente, pode ser resultado da interação de outras variáveis

familiares nesse processo, que não foram estudadas. Neste sentido, podemos pensar na variável conflito, já devidamente comprovada como fundamental no entendimento desse processo de relação (Gerard, Krishnakumar & Buehler, 2006, El-Sheik & El-More Staton, 2004), assim como a satisfação conjugal (Rosen-Grandon, Myers & Hatti, 2004, Belsky, 1984).

O modelo de relação interativo e bidirecional entre estas dimensões da conjugalidade e da parentalidade foi proposto por Mosmann & Wagner (no prelo) ao comprovarem a correlação entre a adaptabilidade, a coesão, a satisfação, o conflito conjugal e as dimensões responsividade e exigência, conforme evidencia-se na figura abaixo:

Figura 1: Mapa Conceitual sobre as relações entre a conjugalidade e a parentalidade:



Este modelo sustenta-se na hipótese “*Spillover*” entendida à luz da teoria ecológico – sistêmica, da teoria dos sistemas familiares (Minuchin, 1982) e da teoria da aprendizagem social (Patterson, 1989), considerando a interdependência dos subsistemas

familiares e a correlação bi-direcional entre as variáveis da conjugalidade e da parentalidade (Mosmann & Wagner, no prelo).

A comprovação da existência de correlação entre as dimensões propostas no modelo nos aponta para necessidade de avançar nesse entendimento no sentido de perfilar melhor essas associações. Identifica-se a necessidade de entender qual o papel desempenhado por cada uma das dimensões da conjugalidade em relação às variáveis da parentalidade. Mais especificamente, faz-se relevante buscar analisar semelhanças e diferenças entre os casais através das dimensões da conjugalidade e sua expressão na parentalidade.

Neste sentido, considerando as dimensões de responsividade e exigência do modelo que compõem a classificação dos estilos educativos parentais, autorizante, autoritário, indulgente e negligente, buscou-se no presente estudo traçar um perfil discriminante entre variáveis sócio-demográficas, a adaptabilidade, a coesão, a satisfação e o nível de conflito dos casais em relação aos estilos educativos parentais exercidos com seus os filhos.

Método

Amostra

Participaram deste estudo 149 casais, com pelo menos um filho adolescente (idade entre 13 e 19 anos) proveniente desta união, com idade média de 45,7 anos e de nível sócio-econômico médio. A seleção da amostra seguiu o critério de conveniência. A tabela abaixo apresenta a caracterização da amostra:

Tabela 1:

| | | |
|--------------------------|---------------------|---------------------------------|
| Amostra | 149 casais | |
| Idade Média | 45,7 anos (dp=7,69) | |
| Escolaridade | 12,7% | Ensino Fundamental |
| | 35,6% | Ensino médio |
| | 28,9% | Ensino superior |
| | 22,8% | Pós-Graduação |
| Ocupação | 81,9% | Trabalha fora |
| Renda Pessoal | 25,8% | Até 500 reais mensais |
| | 10,4% | Entre 500 e 1000 reais mensais |
| | 40,9% | Entre 1000 e 4000 reais mensais |
| | 9,7% | Entre 4000 e 6000 reais mensais |
| | 13,1% | Acima de 6000 reais mensais |
| Situação Conjugal | 85,2% | Casados oficialmente |
| | 14,8% | União estável |
| Tempo de união | 22,4 anos (dp=5,4) | |
| Número de filhos | 13,4% | 1 filho |
| | 50,7% | 2 filhos |
| | 28,9% | 3 filhos |
| | 6,7% | 4 filhos |
| | 0,3% | 6 filhos |

Ao analisarmos essa tabela identificamos que a amostra, de forma geral, caracterizou-se por ser bastante homogênea quanto à situação conjugal, mas heterogênea em termos de escolaridade, renda pessoal e número de filhos.

Instrumentos

Os casais responderam a um instrumento composto de cinco partes.

Parte I – Dados de Identificação

Foram coletadas informações relativas à idade, nível de escolaridade, ocupação atual, carga horária de trabalho e renda pessoal. Ademais, investigou-se dados sobre o companheiro/a e a família do sujeito.

Parte II – Escala de Satisfação Conjugal – The Golombok Rust Inventory of Marital State - GRIMS

O GRIMS (Rust et al, 1988) é constituído por 28 itens, os quais o sujeito deve pontuar em uma escala Likert de 4 pontos (*discordo fortemente, discordo, concordo e concordo fortemente*). Esta escala mede a qualidade do relacionamento conjugal através de dimensões que são consideradas importantes para um bom relacionamento. São elas: satisfação, comunicação, interesses compartilhados, confiança e respeito. Na pontuação da escala, verifica-se que quanto maiores os escores obtidos, mais severos são os problemas no relacionamento conjugal. O coeficiente Alpha de Cronbach obtido para o GRIMS foi de 0,80 (Rust et al.,1988, traduzida e adaptada a língua portuguesa por Falcke, 2003).

Parte III - Escala de avaliação da coesão e adaptabilidade familiar - Faces III.

O Faces III é uma escala com vinte itens pontuados em uma escala Likert de 5 pontos (*quase nunca, alguma vez, às vezes, com frequência, quase sempre*) para avaliar a coesão e adaptabilidade familiar e conjugal (Olson, 1979, traduzido e adaptado por Falceto, 1997).

O procedimento de pontuação realiza-se, na dimensão de coesão, através da soma dos itens ímpares e, na dimensão adaptabilidade, pela soma de todos os itens pares (Córdoba, 1989).

O coeficiente Alpha de Cronbach obtido para a dimensão coesão foi de 0,78 e para adaptabilidade 0,72.

Parte IV – Escala de Conflito Conjugal

A escala é constituída por 9 itens que são apresentados separadamente devido ao enunciado ficando assim, dividida em duas sub-escalas. A primeira denominada “*conflito - desentendimentos*” possui 6 itens que se referem à frequência com que os sujeitos experimentaram desentendimentos com seus parceiros no ultimo ano medida em uma escala Likert de 6 pontos (*nunca, uma vez ao mês ou menos, diversas vezes ao mês, aproximadamente uma vez por semana, diversas vezes por semana, quase todos os dias*). A outra sub-escala denominada “*conflito-agressão*” possui 3 itens que são pontuados em uma escala Likert de 5 pontos (*nunca, raramente, algumas vezes, freqüentemente, sempre*) 1 item mede a frequência com que o sujeito lida de forma calma com os conflitos (codificado invertido) e dois itens medem a frequência de discussões e agressões. Possui um escore médio e os escores maiores representam altos níveis de conflito (Buehler & Gerard, 2002).

O coeficiente Alpha de Cronbach obtido para a escala foi de 0,71.

Parte V – Escala de Estilos Parentais

A escala de estilos parentais foi desenvolvida por Lamborn et al. (1991) com objetivo de classificar as práticas parentais dentro das dimensões de responsividade e exigência propostas por Maccoby & Martin (1984).

No presente estudo foi utilizada a última versão traduzida e adaptada ao português por Teixeira et al. (2004). Os índices de consistência interna encontrados foram muito

bons sendo o alpha de cronbach da escala de responsividade 0,82 e da escala de exigência 0,73.

Através destas duas sub-escalas pontuadas em uma escala Likert de 4 pontos (*quase nunca, raramente, às vezes, geralmente, quase sempre*) se obtém uma classificação das práticas parentais dentre os quatro estilos teoricamente definidos: autoritário, autorizante, negligente e indulgente (Lamborn et al.1991).

Procedimentos Para Coleta de Dados

Realizou-se uma seleção de voluntários para participarem da coleta desta pesquisa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Uma vez escolhidos os voluntários, estes foram treinados para aplicar os questionários nos participantes. Os voluntários eram provenientes da cidade de Porto Alegre/RS e do interior do Estado do Rio Grande do Sul/RS, o que fez com que a coleta fosse realizada em diversas cidades do estado.

O voluntário fazia contato com os casais explicando sobre o tema da pesquisa e se houvesse interesse do casal em participar, marcava um encontro para aplicação do instrumento.

Neste encontro o voluntário entregava um envelope para cada cônjuge onde estavam os questionários, juntamente com uma carta com instruções sobre a pesquisa e o termo de consentimento livre e esclarecido.

O casal era orientado a responder separadamente os questionários e após terminarem, devolviam ao aplicador junto ao termo de consentimento livre e esclarecido assinado, que os colocava no envelope e o lacrava diante do casal para garantir o sigilo dos participantes.

Considerações Éticas

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica e seguiu todos os procedimentos éticos recomendados.

Apresentação e Discussão dos Resultados

Foi realizada uma análise discriminante que buscou determinar de que forma as variáveis sócio-demográficas e da conjugalidade, diferenciam os participantes do estudo em relação aos quatro estilos educativos parentais - autorizante, autoritário, indulgente e negligente-, no intuito de obter um perfil discriminante dos casais investigados.

A análise discriminante utiliza uma variável de agrupação que maximiza a distância (diferença) entre os grupos, no caso, os estilos educativos parentais. O número de funções discriminantes é igual ao número de grupos menos um, no entanto nem todas têm o mesmo poder explicativo (Sarriera, 1996). Por esse motivo, serão apresentadas as três funções obtidas, mas apenas as duas com maior poder explicativo serão discutidas detalhadamente.

Tabela 2: Variáveis preditoras incluídas na análise dos quatro estilos parentais:

| | |
|-----|---|
| V1 | Adaptabilidade |
| V2 | Coesão |
| V3 | Satisfação Conjugal |
| V4 | Conflito – desentendimentos |
| V5 | Conflito – Agressão |
| V6 | Sexo |
| V7 | Escolaridade |
| V8 | Carga horária de trabalho |
| V9 | Renda Pessoal |
| V10 | Horas que fica com filho durante a semana |
| V11 | Horas que fica com filho durante o final de semana |
| V12 | Horas que fica com marido durante a semana |
| V13 | Horas que fica com marido durante o final de semana |

Foram incluídas as variáveis acima de acordo com o critério de que, na análise discriminante, apenas insere-se variáveis qualitativas. Essas variáveis geraram três funções discriminantes apresentadas na tabela seguir:

Tabela 3: Auto – Valor das funções obtidas

| Função | Autovalor | % da variância | Variância Cumulativa | Correlação Canônica | λ Wilks | X ² | df | Sig. |
|--------|-----------|----------------|----------------------|---------------------|-----------------|----------------|----|------|
| 1 | 0,273 | 56,7% | 56,7% | 0,463 | 0,646 | 125,984 | 39 | ,000 |
| 2 | 0,259 | 33,0% | 89,7% | 0,370 | 0,822 | 56,443 | 24 | ,000 |
| 3 | 0,049 | 10,3% | 100% | 0,217 | 0,953 | 13,895 | 11 | ,239 |

A função 1 apresentou maior poder explicativo da variância (56,7%) em relação a função 2 que mostrou 33,0% de força explicativa. A função 3 indicou o menor poder explicativo (10,3%) e não apresentou diferença estatística significativa ($p=,239$). Por esse motivo, iremos analisar mais detalhadamente os resultados das funções 1 e 2.

Para compreender melhor o que cada uma das funções está discriminando utilizaram-se os valores dos centróides em cada uma das funções conforme é apresentado na tabela abaixo:

Tabela 4: Funções – Centróides

| Estilos Educativos | Funções | |
|--------------------|---------|-------|
| | 1 | 2 |
| Autorizante | ,283 | ,386 |
| Negligente | -,494 | -,465 |
| Autoritário | -,621 | ,324 |
| Indulgente | ,709 | -,382 |

Os gráficos 1 e 2 mostram as pontuações e as posições de cada centróide nas funções, para podermos compreender as funções discriminantes de cada estilo parental.

Gráfico 1: Centróides da Função 1: Responsividade

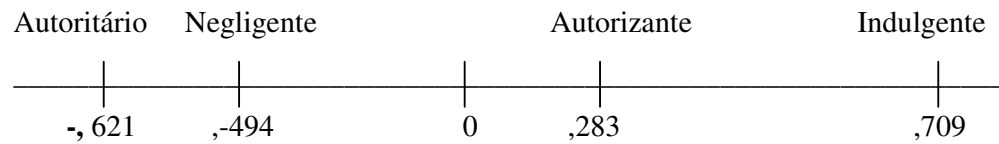
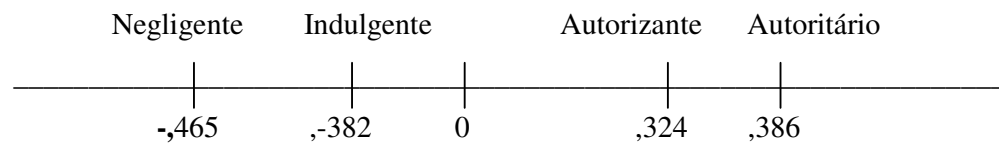


Gráfico 2: Centróides da Função 2: Exigência



A função 1 foi denominada Responsividade por diferenciar, com maior poder explicativo, entre os estilos alto em responsividade (autorizante e indulgente) e os estilos baixos em responsividade (negligente e autoritário). A função 2 foi chamada Exigência por discriminar entre os estilos baixos em exigência (indulgente e negligente) e os estilos altos em exigência (autoritário e autorizante).

A função 1 por apresentar um maior poder explicativo (56,7% da variância) será analisada primeiramente. A seguir apresenta-se a matriz estrutural que indicou que variáveis são as mais relevantes na capacidade discriminatória da função.

Tabela 5: Matriz Estrutural da função Responsividade

| Variáveis | Função Responsividade |
|---|-----------------------|
| Coesão | ,592 |
| Satisfação Conjugal | ,502 |
| Adaptabilidade | ,490 |
| Sexo do Cônjuge | -,428 |
| Carga horária de trabalho | -,328 |
| Conflito-agressão | -,306 |
| Escolaridade | ,266 |
| Conflito-desentendimentos | -,241 |
| Horas que passa com cônjuge durante o final de semana | ,241 |
| Horas que passa com o cônjuge durante a semana | ,077 |
| Renda pessoal | ,049 |
| Horas que passa com filho durante a semana | -,043 |
| Horas que passa com filho durante o final de semana | ,023 |

Função Responsividade

Os valores da tabela 5 mostram as variáveis agrupadas que apresentaram maiores níveis de correlação com a função discriminante Responsividade.

Identifica-se que, para os casais dessa amostra, em relação à função responsividade, a coesão (,592), a adaptabilidade (,490), assim como a satisfação conjugal (,502), apresentam robusta capacidade discriminatória, em maior grau do estilo indulgente e também do autorizante, em relação aos estilos baixos em responsividade, autoritário e negligente.

Especificamente, quanto mais altos os níveis de coesão e adaptabilidade conjugal maior a diferença entre o estilo educativo parental indulgente e o autoritário. Pode-se considerar que são casais com níveis muito altos de proximidade afetiva e muito flexíveis, o que se reflete em um estilo parental com alta responsividade, mas baixo nível de exigência com os filhos. Esse dado está em consonância com o modelo proposto por de Olson e DeFrain's (2002) de integração das dimensões de adaptabilidade e coesão aos estilos educativos parentais. Nesse entendimento o estilo permissivo (alto em

responsividade e baixo em exigência) aparece associado a níveis muito altos de coesão e adaptabilidade.

Ademais, esses casais também apresentam altos níveis de satisfação conjugal, o que, provavelmente, é resultado de seu alto nível de proximidade afetiva e grande capacidade de adaptação, o que possivelmente faz com que consigam lidar com os desafios da vida conjugal. Entretanto, parece que esses altos níveis de adaptabilidade se refletem em uma dificuldade de monitorar o comportamento dos filhos, sendo muito responsivos com eles, mas com pouco controle sobre seus comportamentos.

O estilo educativo indulgente por apresentar alta responsividade, aparece em pesquisas nacionais (Predrebon, 2005, Teixeira, Bardagi, Gomes, & Hutz, 2004) e internacionais (Slicker, Picklesimer, Guzak, Fuller, 2005, Aunola, Sttatin & Nurmi, 2000) associado a índices de bem-estar psicológico, auto-estima, autoconfiança e desenvolvimento de habilidades interpessoais dos filhos. A ênfase aqui parece ser a responsividade, pois mesmo os pais tendo baixos níveis de exigência com seus filhos, estes terminam por apresentar bons níveis de ajustamento. Observa-se que a aceitação afetiva por parte dos pais faz a diferença nesse processo, sendo assim, essa proximidade afetiva parece iniciar-se com o cônjuge e ser estendida ao relacionamento com os filhos.

Nesta perspectiva, identifica-se que níveis não tão altos de coesão e adaptabilidade conjugal, associados a uma relação positiva com a função responsividade, demonstram discriminar mais o estilo parental autorizante, em relação aos demais. Ou seja, casais com níveis equilibrados de proximidade afetiva e capacidade de adaptação além de serem responsivos com seus filhos, também são capazes de monitorar seus comportamentos com eficácia (estilo autorizante). Em relação à função Responsividade, identifica-se que o equilíbrio das dimensões da conjugalidade, adaptabilidade e coesão, diferenciam também o estilo parental que equilibra a responsividade e a exigência. No entendimento de Patterson

(1989) esses seriam casais que possuem habilidades pessoais às quais fazem com que sejam capazes de regular seus afetos e resolver problemas tanto com seu cônjuge quanto com seus filhos.

O fato das correlações entre as variáveis e a função discriminante serem positivas ou negativas não é mais relevante do que o poder explicativo das mesmas. Dessa forma, as variáveis que apresentaram médio poder explicativo (acima de ,30) da função responsividade foram o sexo do cônjuge (-,428), a carga horária de trabalho (-,328) e conflito-desentendimentos (-,306).

A variável sexo tem um valor negativo nessa função, e pelo fato da classificação entre os sexos utilizada neste estudo definir o sexo feminino com o valor 1 e o masculino com o valor 2, pode-se dizer que as mulheres/mães discriminam de forma mais consistente o estilo negligente em relação ao indulgente. Ou seja, entre os estilos baixos em responsividade dos estilos altos em responsividade.

Podemos traçar um perfil discriminante em relação as variáveis que apresentaram médio poder explicativo da função responsividade. Identificamos que o sexo do cônjuge, a carga horária de trabalho e o conflito – agressão são as variáveis que discriminam esses casais em relação aos estilos educativos baixos em responsividade. Nesse caso, as mulheres que trabalham pouco, têm baixos níveis de conflito com seus cônjuges são as que, neste estudo, adotam o estilo educativo negligente. Aqui novamente surge uma diferença em termos de exigência. Parece que as mulheres, desta amostra, apesar de disporem de tempo para se ocuparem da educação dos filhos, não se mostram nem responsivas e nem exigentes para com eles. Provavelmente, essa indiferença expressa-se na vida do casal de forma geral, elas talvez estejam pouco envolvidas em seus trabalhos, com o cônjuge e da mesma forma, os filhos fiquem relegados a um segundo plano (Webster-Stratton & Hammond, 1999).

Outras variáveis mostraram-se associadas à função Responsividade, mas em menor grau de correlação. São elas: o nível de escolaridade, conflito - desentendimentos, o tempo que passam com o cônjuge no final de semana e durante a semana, a renda pessoal, e o tempo que passam com os filhos durante a semana e no final de semana.

Em resumo, podemos traçar um perfil discriminante dos casais a partir das variáveis que apresentaram maior poder explicativo da função responsividade. Identifica-se que casais com altos níveis de coesão, adaptabilidade e satisfação conjugal tendem a exercer um estilo educativo alto em responsividade.

Podemos identificar que níveis extremos dessas variáveis tendem a discriminar mais o estilo indulgente caracterizado por muita responsividade, e pouco controle. Neste caso, são casais muito próximos afetivamente, entretanto não monitoraram o comportamento dos filhos. Talvez, sejam casais que enfoquem mais o afeto tanto com o cônjuge quanto com os filhos, em detrimento da exigência e do controle.

Podemos considerar que esse perfil talvez nos forneça um panorama dos pais que, na atualidade, apresentam tantas dificuldades em dar limites aos filhos. Pode-se perfilar então um grupo de casais que estão satisfeitos em seus relacionamentos conjugais, têm muito afeto por seus filhos, mas são muito flexíveis, e possuem pouco controle sobre eles. Talvez, esses pais não tenham claro que, monitoramento e controle brandos são também demonstrações de interesse e cuidado para com os filhos.

Quando pensamos em níveis moderados dessas variáveis elas parecem diferenciar o estilo autorizante dos demais. Identifica-se que aqui surge um equilíbrio entre a responsividade e a exigência. Este é o grupo de casais que consegue balancear a quantidade de afeto e de flexibilidade com bons níveis de satisfação conjugal. Esse equilíbrio parece se expressar na forma como o casal educa seus filhos e pode se refletir

em uma família com melhor capacidade para enfrentar as circunstâncias tanto no micro, quanto no macrosistema familiar.

Todos esses perfis corroboram a hipótese *Spillover* de relação direta e dinâmica entre a conjugalidade e a parentalidade. As variáveis que utilizamos neste estudo para definir a qualidade conjugal (adaptabilidade, coesão, satisfação conjugal e conflito) se refletem de forma expressiva nos estilos educativos que adotam os casais dessa amostra.

Assim, a coerência demonstrada neste estudo entre a forma de funcionamento do subsistema conjugal com o parental remete-nos às características individuais dos sujeitos que compõe tais subsistemas. Certamente, suas habilidades pessoais se expressam positivamente nas funções que exercem na família. Neste caso, quando cônjuges, o afeto e a flexibilidade se traduzem pela coesão e a adaptabilidade e quando, pais se expressam através da responsividade e da exigência para com os filhos.

Função Exigência

A função Exigência também apresentou um bom poder explicativo, 33%. A seguir apresentamos a matriz estrutural desta função.

Tabela 6: Matriz Estrutural da função Exigência

| Variáveis | Função Exigência |
|---|------------------|
| Renda Pessoal | -,661 |
| Horas que passa com filho durante o final de semana | ,434 |
| Horas que passa com filho durante a semana | ,400 |
| Conflito-desentendimentos | ,297 |
| Adaptabilidade | ,296 |
| Coesão | ,269 |
| Escolaridade | -,225 |
| Carga horária de trabalho | -,159 |
| Satisfação Conjugal | ,146 |
| Conflito-agressão | -,126 |
| Sexo do Cônjuge | -,103 |
| Horas que passa com marido final de semana | ,056 |
| Horas com marido durante a semana | ,024 |

Os valores da tabela 6 mostram as variáveis que, reunidas, apresentaram maiores níveis de correlação com a função discriminante Exigência.

As variáveis que apresentaram maior poder explicativo da função foram a renda pessoal (-,661), horas que passa com o filho durante a semana (,434), horas que passa com o filho durante o final de semana (,400).

A renda pessoal discriminou mais fortemente o estilo educativo negligente em relação ao autoritário. Especificamente, em relação ao estilo autoritário, que diz respeito à baixa responsividade e alta exigência parental, parece que os casais dessa amostra, com menor poder econômico tendem a uma maior utilização de um estilo mais rígido no processo de socialização de seus filhos. Esses resultados são confirmados pela literatura uma vez que, de acordo com pesquisas, pais com menores ingressos econômicos tendem a utilizar mais estratégias punitivas e coercitivas com seus filhos (Mupinga, Garrison & Pierce, 2002, Ceballos & Rodrigo, 1998), o que se relaciona mais ao estilo autoritário.

Em relação às outras duas variáveis, identifica-se que o perfil discriminante desses casais indica que o tempo que passam junto com os seus filhos é o que mais diferencia entre o estilo educativo autoritário (alto em exigência) e o estilo negligente (baixo em exigência). Nessa situação, observa-se que o tempo dedicado aos filhos aumenta a demanda parental, tornando a relação ainda mais complexa, devido à exigência de um maior repertório de respostas às demandas dos filhos. Neste sentido, estratégias autoritárias e pouco flexíveis podem estar representando a necessidade de um controle imediato da situação. Entretanto, está comprovado que um controle excessivo por parte dos pais pode levar a uma vida familiar muito rígida (Slicker, Picklesimer, Guzak, Fuller, 2005).

Ademais, desde o entendimento da hipótese *Spillover* e do modelo de correlação bi-direcional entre as variáveis da conjugalidade e da parentalidade (Mosmann & Wagner,

no prelo) podemos pensar que casais que tendem a utilizar práticas educativas mais punitivas, normalmente são pessoas com dificuldade em resolver problemas e regular afetos tanto com seu cônjuge quanto com seus filhos (Patterson, 1989, Gerard, Krishnakumar & Buehler, 2006).

Em relação às demais variáveis com menor poder discriminante, identificamos um perfil diferente de casais. Nota-se que o que mais discrimina o estilo autorizante dos demais, em relação à exigência, é o conflito conjugal acerca de desentendimentos, a adaptabilidade e a coesão. Talvez aqui, possamos pensar em casais com capacidade de flexibilidade, suficientemente próximos emocionalmente, que lidam com os conflitos de forma adaptativa e não de maneira disfuncional, e que são ao mesmo tempo, responsivos e exigentes com seus filhos.

As demais variáveis apresentam um baixo poder discriminante em relação à função exigência. São elas: escolaridade, carga horária de trabalho, satisfação conjugal, conflito – agressão, sexo e as horas que passa com o marido durante a semana e no final de semana.

De forma geral, podemos identificar que os perfis discriminantes dos casais em relação à função exigência diferenciam-se basicamente pela renda pessoal. Os casais com baixos ingressos pessoais tendem a utilizar mais estratégias punitivas e coercitivas com seus filhos, além de estarem bastante tempo em sua companhia tanto nos dias de semana, quanto nos finais de semana. Por outro lado, os casais com maiores ingressos pessoais, bons níveis flexibilidade e proximidade afetiva, embora com alguns desentendimentos, são aqueles que apresentam o estilo parental autorizante, ou seja, são pais que acreditam que devem estimular os filhos a desenvolver autonomia, mas não são permissivos em relação à desobediência das normas que estabelecem.

Nesta perspectiva, observa-se que, para os casais desta amostra, maior renda pessoal associa-se a maior capacidade dos sujeitos vivenciarem uma conjugalidade com

maior capacidade adaptativa e proximidade afetiva. Sendo assim, estes aspectos terão expressão na parentalidade através de bons níveis de responsividade e exigência.

Além das variáveis correlacionadas às funções discriminantes, estatisticamente é bastante relevante saber qual é a capacidade final da função discriminante para classificar corretamente aos sujeitos no seu grupo correspondente (Sarriera, 1996). Isso fica evidenciado na tabela abaixo:

Tabela 7: Classificação dos estilos educativos parentais

| | | Grupo prognosticado de pertencimento | | | | | |
|----------|------------|--------------------------------------|-------------|------------|-------------|------------|-------|
| | | Estilos | Autorizante | Negligente | Autoritário | Indulgente | Total |
| Original | Recontagem | Autorizante | 55 | 12 | 14 | 22 | 103 |
| | | Negligente | 11 | 32 | 18 | 14 | 75 |
| | | Autoritário | 10 | 12 | 30 | 6 | 58 |
| | | Indulgente | 10 | 8 | 7 | 37 | 62 |
| | % | Autorizante | 53,4 | 11,7 | 13,6 | 21,4 | 100 |
| | | Negligente | 14,7 | 42,7 | 24,0 | 18,7 | 100 |
| | | Autoritário | 17,2 | 20,7 | 51,7 | 10,3 | 100 |
| | | Indulgente | 16,1 | 12,9 | 11,3 | 59,7 | 100 |

* Classificados corretamente 51,7% dos casos agrupados originalmente.

A tabela expressa um procedimento de validação da função, já que resume a capacidade preditiva da função discriminante (Pardo y Ruiz, 2002). O estilo indulgente foi classificado corretamente em 59,7% dos casos, o autorizante em 53,4% dos casos, o autoritário em 51,7% e o negligente em 42,7% dos casos. No total, a função consegue classificar corretamente 51,7% dos casos estudados. Esse dado deve ser interpretado com base na classificação correta esperada ao acaso. Dessa forma, como são quatro estilos educativos parentais, a expectativa de classificação correta ao acaso seria de 25% assim, o valor de 51,7% é bastante significativo. Podemos considerar então, que para um pouco mais da metade dos casais dessa amostra, esses perfis discriminantes estão corretamente classificados.

Neste sentido, ao observarmos os perfis definidos pelas correlações entre as variáveis da conjugalidade em relação às funções discriminantes, percebe-se o padrão interativo e dinâmico entre os dois subsistemas. As dimensões que compõem e

caracterizam a conjugalidade destes casais estudados se expressam de forma coerente na parentalidade.

Em realidade, evidencia-se novamente a impossibilidade de considerar isoladamente as habilidades individuais dos membros do casal para a conjugalidade sem entender a reverberação desse aspecto na dinâmica conjugal e parental. Concomitantemente, o entendimento de que as dificuldades no relacionamento conjugal podem ser compensadas na dedicação à educação dos filhos parece não ser verdadeiro para os casais dessa amostra. A compreensão ecológico-sistêmica das relações familiares nos indica que as características tanto positivas quanto negativas que os cônjuges possuem como indivíduos, se expressam nas interações conjugais e parentais no mesmo sentido.

Considerações Finais

Ao analisarmos os resultados do presente estudo, identificamos que o perfil discriminante observado nestes participantes, no que diz respeito à relação existente entre a conjugalidade e os estilos educativos parentais, nos faz pensar sobre a necessidade de fazerem-se intervenções psicossociais com casais que visem à prevenção e otimização das interações familiares.

Nesta perspectiva, percebemos que a idéia do senso comum de que é melhor manter-se casado, ainda que insatisfeito, pelo “bem das crianças”, não se sustenta frente à comprovação da relação existente entre a conjugalidade e a parentalidade. O pensamento de que é possível manter as crianças afastadas das dificuldades conjugais não é efetivo, uma vez que nossos achados indicam que as características da relação conjugal terão expressão nos estilos educativos desempenhados pelo casal, no exercício da parentalidade.

Ademais, o fato de esta interrelação ser efetiva, evidencia que tanto os aspectos positivos, quanto negativos da conjugalidade têm expressão na parentalidade e esse processo aponta o caminho para as intervenções familiares.

A busca por auxílio de pais com dificuldades em lidar com seus filhos, muitas vezes centra-se apenas nos sintomas dos filhos e/ou em suas habilidades como pais, o que de acordo com nossos achados, não é eficaz. As intervenções deveriam ter como objetivo desenvolver no casal efetivas habilidades de resolução de conflitos, de comunicação e formas de regular seus afetos negativos, assim como suas habilidades parentais. Ou seja, é fundamental o entendimento, de que a complexidade das relações familiares não pode ser reduzida a apenas um subsistema familiar.

Neste sentido, a relevância destes resultados está em propiciar o entendimento por parte dos cônjuges/pais, assim como dos profissionais de saúde, de que a busca por

soluções práticas acerca da parentalidade, que excluem a análise de como estão se estabelecendo as relações no subsistema conjugal, tende a ser infrutífera.

Frente a esses resultados, o poder de influência dos aspectos positivos da conjugalidade em relação aos estilos educativos deveria ser focado de forma mais consistente, em detrimento dos aspectos negativos, uma vez que podem funcionar como fatores de proteção frente às dificuldades encontradas em todas as relações interpessoais. Os filhos podem aprender muito sobre como resolver seus problemas dentro e fora da família ao presenciarem a forma de resolução de conflito utilizada por seus pais, o afeto existente entre eles, como se comunicam, e principalmente como se adaptam frente às dificuldades inerentes à vida.

Algumas considerações acerca das limitações deste estudo nos apontam a necessidade de uma maior disponibilidade, em nosso contexto, de um arsenal metodológico de pesquisa que possa abranger a complexidade das interações familiares. O presente estudo, por ser de tipo transversal, e ter focado apenas o subsistema conjugal, provavelmente não abarcou de forma completa todas as possíveis interconexões existentes na presente amostra. Ademais, optamos por estudar casais com filhos adolescentes, e neste sentido, futuros estudos que realizassem a ampliação desta faixa etária, assim como a análise da expressão dessas relações de forma qualitativa, poderiam nos permitir um aprofundamento no entendimento desses processos.

Referências

- Almeida, D. M., Wethington, E., & Chandler, A. L. (1999) Daily transmission of tensions between marital dyads and parent-child dyads. *Journal of Marriage & the Family*, 61, 49- 61.
- Aunola, K., Stattin, H. & Nurmi, J. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence*, 23, 205-222.
- Baumrind, D. (1965). Parental control and parental love. *Children*, 230-234.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1971). Harmonious parents and their preschool children. *Developmental Psychology*, 4(1), 99-102.
- Baumrind, D. (1978). Reciprocal rights and responsibilities in parent-child relations. *Journal of Social Issues*, 34(2), 179-197.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Buehler, C. & Gerard, J. M. (2002). Marital Conflict, ineffective parenting, and children's and adolescents' maladjustment. *Journal of Marriage and Family*, 64 (1), 78-93.
- Ceballos, E. & Rodrigo, M. J. (1998). Las metas y estrategias de socialización entre padres e hijos. In Rodrigo, M. J. & Palacios, J. *Familia y desarrollo humano*. (pp. 225-243). Madrid: Alianza Editorial.
- Conger, R. D., Conger, K. J., Elder, G. H., Lorenz, F. O., Simons, R. L., & Whitbeck, L. B. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent sons. *Child Development*, 63, 526-541.

- Conger, R. D., Conger, K. J., Elder, G. H., Lorenz, F. O., Simons, R. L., & Whitbeck, L. B. (1993). Family economic stress and adjustment of early adolescent daughters. *Developmental Psychology*, 29(2), 206-219.
- Córdoba, A. H. (1989). Familias Clínicas en Bogotá: su funcionamiento según el modelo circunplejo de D.H. Olson. *Monografía*. Bogotá.
- Craddock, A. F. (1991). Relationships between attitudinal similarity, couple structure, and couple satisfaction in married and de facto couples. *Australian Journal of Psychology*, 43, 11-16.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital discord on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43, 31– 63.
- Davies, P. T., Sturge–Apple, M. L., Cummings, E. M. (2004). Interdependencies among interparental discord and parenting practices: The role of adult vulnerability and relationship perturbations. *Development and Psychopathology* 16, 773–797.
- Davies, P. T, Cummings, E. M. & Winter, M. A. (2004). Pathways between profiles of family functioning, child security in the interparental subsystem, and child psychological problems. *Development and Psychopathology*, 16, 525–550.
- El-Sheikh, M., & Elmore–Staton, L. (2004). The marital conflict–child adjustment link: Parent–child conflict, perceived attachments, and parental depression as potentiators and mitigators of risk. *Development and Psychopathology*, 16, 631– 648.
- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin* 118 (1), 108-132.
- Escala de Conflito Conjugal. Disponível em <http://ssc.wisc.edu/nsfh>. Acesso em agosto de 2004.
- Falceto, O. G. (1997). Famílias com desenvolvimento funcional e disfunciona: validação das escalas diagnósticas Faces III, Beavers – Timberlawn e Avaliação Global do Funcionamento Interacional (Garf). *Dissertação de Mestrado*. Medicina. UFRGS.
- Falcke, D. (2003). Àguas passadas não movem moinhos?: as experiências na família de origem como preditoras da qualidade do relacionamento conjugal. *Tese de Doutorado*. Psicologia. PUCRS. 185f.

- Frosch, C. A., & Mangelsdorf, S. C. (2001). Marital behavior, parenting behavior, and multiple reports of preschoolers' behavior problems: Mediation or moderation? *Developmental Psychology, 37*(4), 502-519.
- Gerard, J.M., Krishnakumar, A. & Buheler, C. (2006). Marital Conflict, Parent-Child Relations, and Youth Maladjustment A Longitudinal Investigation of Spillover Effects. *Journal of Family Issues, 27*(7), 951-975.
- Jonhson, H. D. (2002). Associations Among Family Adaptability and Cohesion, Interparental Conflict, and Tactics used during young adult's conflict with parents. *Psychological Reports, 91*, 315-325.
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A metaanalytic review. *Family Relations, 49*, 25-44.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., Dornbusch, S.M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development, 62*, 1049-1065.
- Lindhal, K. M. & Malik, N. M. (1999). Marital conflict, family processes, and boy's externalizing behavior in hispanic american and european families. *Journal of Clinical and Child Psychology, 28*(1), 12-24.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Org.), P. H. Mussen (Org. Série), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (4a ed., pp. 1-101). New York: Wiley.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mosmann, C., & Wagner, A. Dimensões da Conjugalidade e da Parentalidade: um modelo correlacional. (no prelo).
- Mupinga, E. E., Garrison, M.E.B., Pierce, S.H. (2002). An Exploratory Study of the Relationships between Family Functioning and Parenting Styles: The Perceptions of Mothers of Young Grade School Children. *Family and Consumer Sciences Research Journal, 31* (1), 112-129.
- Olson, D. (2000) Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy, 22*, 144-167.

- Olson, D. H., & DeFrain, J. (2000). *Marriage and the family: Diversity and strengths*. Mountain View, CA: Mayfield.
- Olson, D., Russell, C., & Sprenkle, D. (1983). Circumplex model of marital and family systems: VI. Theoretical update. *Family Process*, 22, 69-83.
- Olson, D., Sprenkle, D., & Russell, C. (1979). Circumplex model of marital and family systems: I. Cohesion and adaptability dimensions, family types, and clinical applications. *Family Process*, 18, 3-15.
- Pardo, A. y Ruiz, M. A. (2002). *Spss 11: Guia para el análisis de datos*. Madrid: McGrawHill.
- Patterson, G. R., DeBaryshe, B. D., & Ramsey, E., (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, 44 (2), 329-335.
- Predebon, J. C. (2005). Variáveis predictoras dos problemas de comportamento na adolescência. *Tese de Doutorado*. Psicologia. PUCRS. Porto Alegre, 216 f.
- Rosen-Grandon, J. R., Myers, J. E, Hatti, J. A. (2004). The Relationship Between Marital Characteristics, Marital Interaction Process and Marital Satisfaction. *Journal of Counseling and Development*, 82, 1, 58-68.
- Rust, J., Bennun, I., Crowe, M., & Golombok, S. (1988). *The Golombok Rust Inventory of Marital State*. Windsor: NFER-NELSON.
- Sarriera, J. C. (1996). *Introdução à análise multivariada em psicologia*. Manuscrito utilizado no curso de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo.
- Slicker, E. K, Picklesimer, B. K., Guzak, A. K., Fuller, D. K. (2005). The relationship of parenting style to older adolescent life-skills development in the United States. *Young*, 13, 227-245.
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., Gomes, W. B. & Hutz, C. S. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 3(1), p. 1-11.

Webster-Stratton, C. & Hammond, M. (1999). Marital conflict management skills, parenting style, and early – onset conduct problems: processes and pathways. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40 (6), 917-927.

Considerações Finais

Os resultados da presente pesquisa corroboram a importância do estudo da qualidade conjugal no entendimento da dinâmica familiar, mais especificamente a relação pais e filhos. O entendimento da complexidade dessas relações, evidenciada nos artigos apresentados nesta tese, nos aponta a necessidade de ampliação do número de pesquisas enfocando essas interrelações.

De forma geral, o objetivo geral de analisar como se associa o tipo de sistema conjugal, o nível de conflito que apresenta o casal, assim como o nível de satisfação conjugal que vivenciam e o estilo educativo parental que estes casais exercem com seus filhos, foi atingido. Ademais os artigos aqui apresentados podem ser considerados capazes de contribuir para o avanço no entendimento das relações entre a conjugalidade e a parentalidade.

Ao analisarmos os achados de forma geral, identificamos a necessidade de implantação de programas de intervenção com casais. A clareza pela qual os dados mostraram a expressão das características da conjugalidade na parentalidade, tanto positivas quanto negativas, sustenta esse entendimento.

Acreditamos que através de intervenções será possível sensibilizar casais para a necessidade de ampliar o foco de suas dificuldades em educar seus filhos para além de suas habilidades parentais, enfatizando o papel fundamental do subsistema conjugal nesse processo. O objetivo seria além de sensibilizar, promover o desenvolvimento de habilidades pessoais como capacidade de resolução de conflito, manejar afetos, tanto positivos quanto negativos assim como as habilidades parentais. Desde uma perspectiva ecológico-sistêmica, acreditamos que a capacitação de um subsistema irá reverberar em outro subsistema de forma dinâmica e bi-direcional.

Esse projeto de intervenção com casais é o foco do pós-doutorado júnior que pretendo realizar na Universidad de Gerona (Espana), através do convênio internacional do grupo de pesquisa “Dinâmica das Relações Familiares” com o Instituto de Pesquisa sobre Qualidade de Vida (IRQV).

Faz-se relevante salientar as dificuldades encontradas no desenvolvimento deste estudo. Especificamente a amostra que buscávamos, casais que estivessem casados e com no mínimo um filho adolescente, tornou-se um dos grandes desafios desta pesquisa. Essa escassez nos comprovou a realidade das famílias brasileiras onde, de acordo com dados recentes do IBGE, o número de casamentos cresce na mesma proporção que os índices de divórcios (IBGE, 2005), tornando-se bastante complexa a tarefa de encontrar casais para participarem do nosso estudo. Entretanto o trabalho essencialmente grupal foi o que ajudou-nos a superar esse obstáculo. Através de todos os integrantes do grupo de pesquisa “Dinâmica das Relações Familiares” foi possível recrutar voluntários para ajudarem em nossa coleta de dados. Esse processo fez com que conseguíssemos alcançar o número necessário de sujeitos desta amostra, e levar a cabo este estudo.

Ademais, a escassez em nosso contexto de um maior arsenal metodológico disponível como ferramentas estatísticas mais desenvolvidas, restringe a possibilidade de um maior entendimento dos processos tão complexos evidenciados nas relações familiares. Nosso esforço aqui, centrou-se no estudo de um subsistema e através de escalas, mas, certamente o acesso a mais de um subsistema, aliando técnicas quantitativas a qualitativas pode propiciar um maior entendimento desse fenômeno.

Por fim, nosso objeto de estudo, as famílias com as idiossincrasias inerentes às relações que estabelecem, nos encantam, inquietam e são uma fonte inesgotável de questionamentos. Especificamente a conexão entre a conjugalidade e a parentalidade, é um terreno extremamente fértil para investigações devido às riquezas e peculiaridades que

apresentam. Neste estudo, contribuimos para a compreensão de uma pequena parte desse universo, mas nossa adesão ao modelo ecológico- sistêmico, nos faz ter a certeza de que esses resultados terão suas reverberações em muitos outros contextos.

Referências

- Baumrind, D. (1965). Parental control and parental love. *Children*, 230-234.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1971). Harmonious parents and their preschool children. *Developmental Psychology*, 4(1), 99-102.
- Baumrind, D. (1978). Reciprocal rights and responsibilities in parent-child relations.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital discord on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43, 31– 63.
- Freijo, E. A. y Delgado, A. O. (2004). Investigación en contextos familiares y desarrollo psicológico: cuestiones metodológicas. In Freijo, E.A. *Familia y Desarrollo* (147-169). Madrid: Pearson Educación.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Shek, D. T. (2000). Parental marital quality and well-being, parent-child relational quality, chinese adolescent adjustment. *American Journal of Family Therapy*, 28 (2), 147-162.
- Wagner, A., Predrebon, J., Mosmann, C. & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), 181-186.
- Webster-Stratton, C. & Hammond, M. (1999) Marital conflict management skills, parenting style, and early – onset conduct problems: processes and pathways. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40 (6), 917-927.

ANEXOS

Anexo A:
Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa da PUCRS



Ofício nº 240/05-CEP

Porto Alegre, 21 de março de 2005.

Senhor(a) Pesquisador(a)

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa intitulado: "Qualidade conjugal e estilos educativos parentais".

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Délio José Kipper
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Dout Clarisse Mosmann
N/Universidade

ANEXO B:
Instrumento Feminino

Nº _____

QUESTIONÁRIO FEMININO

1. Idade: _____ anos.
2. Sexo: () Feminino () Masculino
3. Situação conjugal: () casado oficialmente () morando juntos/união estável
4. Escolaridade: () Ensino fundamental - 1º grau
 () Ensino Médio - 2º grau
 () Ensino Superior - Faculdade
 () Pós-graduação
 () Sem instrução
5. Você trabalha fora? () sim () não
6. Quantas horas por dia, aproximadamente, você trabalha? _____
7. Em dias de SEMANA, quantas horas por dia, você fica na companhia do(s) seu(s) FILHO(S)? _____
8. Nos FINAIS DE SEMANA, quantas horas por dia, você fica na companhia do (s) seu (s) FILHO(S)? _____
9. Em dias de SEMANA, quantas horas por dia, você fica na companhia do(s) seu(s) ESPOSO/COMPANHEIRO? _____
10. Nos FINAIS DE SEMANA, quantas horas por dia, você fica na companhia do (s) seu (s) ESPOSO/COMPANHEIRO? _____
11. Número de pessoas que moram com você: _____
12. Quem? Enumere _____, _____, _____, _____, _____, _____, _____, _____, _____.
13. Há quanto tempo você está com o atual companheiro? _____
14. Você já foi casado ou viveu como casal anteriormente? () sim () não
15. Quantos filhos você tem? _____
16. Qual a idade deles? _____
17. Para fins de pesquisa, por favor coloque qual a sua renda pessoal: R\$ _____

Questionário sobre Relacionamento Conjugal

Pensando no seu relacionamento **atual** com seu marido/companheiro, responda as próximas questões. Leia cada afirmativa cuidadosamente e decida pela resposta que melhor descreve como você se sente em seu relacionamento com seu esposo/companheiro. Marque com um X a resposta correspondente.

| | Discordo fortemente | Discordo | Concordo | Concordo fortemente |
|--|------------------------|----------|----------|------------------------|
| 1. Meu companheiro geralmente sabe das minhas necessidades e é sensível a elas. | | | | |
| 2. Eu realmente aprecio o senso de humor do meu companheiro. | | | | |
| 3. Meu companheiro parece não querer mais me ouvir. | | | | |
| 4. Meu companheiro nunca foi desleal comigo. | | | | |
| 5. Eu estaria disposta a deixar meus amigos se isso fosse salvar nosso relacionamento. | | | | |
| 6. Eu estou insatisfeita com nosso relacionamento. | | | | |
| 7. Eu gostaria que meu companheiro não fosse tão preguiçoso e não adiasse as coisas que tem que fazer. | | | | |
| 8. Às vezes, eu me sinto sozinha mesmo quando eu estou com meu companheiro. | | | | |
| 9. Se meu companheiro me deixasse, eu não teria mais vontade de viver. | | | | |
| 10. Somos capazes de concluir uma discussão respeitando nossas diferenças de opinião. | | | | |
| 11. É inútil prosseguir com um casamento além de um certo ponto. | | | | |
| 12. Nós dois parecemos gostar das mesmas coisas. | | | | |
| 13. Eu acho difícil mostrar para meu companheiro que eu estou querendo carinho. | | | | |
| 14. Eu nunca coloco em dúvida nosso relacionamento. | | | | |
| 15. Eu me satisfaço só em sentar e conversar com meu companheiro. | | | | |
| 16. Eu acho a idéia de passar o resto da minha vida com meu companheiro um tanto chata. | | | | |
| 17. Sempre existe muita troca em nosso relacionamento. | | | | |
| 18. Nós nos tornamos competitivos quando temos que tomar decisões. | | | | |
| 19. Eu sinto que realmente não posso mais confiar no meu companheiro. | | | | |
| 20. Nosso relacionamento ainda é cheio de alegria e divertimento. | | | | |
| 21. Um de nós está continuamente falando e o outro está geralmente quieto. | | | | |
| 22. Nosso relacionamento está em constante evolução. | | | | |
| 23. Casamento tem realmente mais a ver com segurança e dinheiro do que com amor. | | | | |
| 24. Eu gostaria que existisse mais carinho e afeto entre nós. | | | | |
| 25. Eu sou totalmente dedicada ao relacionamento com o meu companheiro. | | | | |
| 26. Às vezes, nosso relacionamento é tenso porque meu companheiro está sempre me corrigindo. | | | | |
| 27. Eu suspeito que nós podemos estar a beira da separação. | | | | |
| 28. Nós sempre conseguimos fazer as pazes rapidamente depois de uma discussão. | | | | |

Pensando em como é a sua relação com seu esposo/companheiro atualmente responda às próximas questões. Leia cada afirmativa cuidadosamente e decida pela resposta que melhor descreve como você se sente em seu relacionamento com seu esposo/companheiro. Marque com um X o número que corresponde à sua resposta.

| | Quase nunca (1) | Alguma vez (2) | As vezes (3) | Com frequência (4) | Quase sempre (5) |
|---|-----------------------|----------------------|-----------------|--------------------------|------------------------|
| 1. Nós pedimos ajuda um ao outro. | | | | | |
| 2. Quando surgem problemas, chegamos a uma solução em consenso. | | | | | |
| 3. Aprovamos os amigos que cada um de nós tem. | | | | | |
| 4. Somos flexíveis na forma de lidar com nossas diferenças. | | | | | |

| | Quase nunca (1) | Alguma vez (2) | As vezes (3) | Com frequência (4) | Quase sempre (5) |
|---|--------------------|-------------------|-----------------|-----------------------|---------------------|
| 5. Gostamos de fazer coisas juntos. | | | | | |
| 6. Qualquer um de nós atua como líder em nosso relacionamento. | | | | | |
| 7. Nos sentimos mais próximos um do outro que de pessoas alheias à nós. | | | | | |
| 8. Mudamos a forma de executar nossas tarefas. | | | | | |
| 9. Gostamos de passar nosso tempo livre juntos. | | | | | |
| 10. Tentamos maneiras novas de resolver os problemas. | | | | | |
| 11. Nos sentimos muito próximos um do outro. | | | | | |
| 12. Em nossa relação tomamos as decisões juntos. | | | | | |
| 13. Compartilhamos gostos e interesses. | | | | | |
| 14. As regras mudam em nossa relação. | | | | | |
| 15. Facilmente pensamos em coisas que podemos fazer como casal. | | | | | |
| 16. Alternamos as responsabilidades da casa. | | | | | |
| 17. Consultamos um ao outro em nossas decisões. | | | | | |
| 18. É difícil identificar quem é o líder em nossa relação. | | | | | |
| 19. Nossa união é prioridade. | | | | | |
| 20. É difícil dizer quem de nós faz as tarefas domésticas. | | | | | |

As questões abaixo são uma lista de assuntos sobre os quais os casais normalmente discordam. Com que frequência, no último ano você teve desentendimentos abertos com relação aos seguintes tópicos: Marque com um X o número que corresponde à sua resposta.

| | Nunca (1) | Uma vez ao mês ou menos (2) | Diversas vezes ao mês (3) | Aproximadamente uma vez por semana (4) | Diversas vezes por semana (5) | Quase todos os dias (6) |
|--|--------------|-----------------------------------|---------------------------------|--|-------------------------------------|-------------------------------|
| 1. Tarefas Domésticas: | | | | | | |
| 2. Dinheiro | | | | | | |
| 3. O tempo que vocês desfrutaram juntos | | | | | | |
| 4. Sexo | | | | | | |
| 5. Os filhos | | | | | | |
| 6. Questões legais | | | | | | |

Existem várias maneiras de um casal lidar com desentendimentos sérios. Quando você tem um desentendimento sério com seu esposo/a com que frequência você?

| | Nunca (1) | Raramente (2) | Algumas vezes (3) | Freqüentemente (4) | Sempre (5) |
|---|--------------|------------------|----------------------|-----------------------|---------------|
| 1. Discute intensamente ou grita: com seu esposo? | | | | | |
| 2. Discute calmamente com seu esposo? | | | | | |
| 3. Acaba batendo ou atirando coisas em seu esposo? | | | | | |

QUESTIONÁRIO SOBRE SEU FILHO

Neste instrumento você vai responder as perguntas pensando em seu filho adolescente. Abaixo há uma série de frases sobre atitudes de mães. Para cada uma delas marque, no número à direita, a resposta que melhor se aproxima à sua opinião de acordo com a chave de respostas abaixo. Assinale apenas uma resposta por frase, e não deixe nenhum item sem resposta.

Se você tem mais de filho adolescente escolha um e pense nele ao responder o questionário. Indique o sexo e a idade do filho sobre o qual responderá o questionário:

Sexo _____ Idade _____

| <i>A respeito do teu filho considera as seguintes frases:</i> | |
|---|--|
| 1. Sei aonde ele vai quando sai de casa. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 2. Controlo suas notas no colégio. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 3. Exijo que ele (a) vá bem na escola. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 4. Imponho limites para as suas saídas de casa. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 5. Cobro dele quando faz algo errado. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 6. Tenho a última palavra quando discordamos sobre um assunto importante a seu respeito. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 7. Controlo os horários de quando ele está em casa e na rua. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 8. Faço valer as minhas opiniões sem muita discussão. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 9. Exijo que ele (a) colabore nas tarefas de casa. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 10. Cobro que ele (a) seja organizado (a) com as suas coisas. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |

| | |
|--|--|
| 11. Sou firme quando imponho alguma coisa. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 12. Puno-o de algum modo se desobedece a uma orientação minha. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 13. Ele (a) pode contar com a minha ajuda caso ele (a) tenha algum tipo de problema. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 14. Incentivo a que ele (a) tenha suas próprias opiniões sobre as coisas. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 15. Encontro um tempo para estar com ele (a) e fazermos juntos algo agradável. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 16. Explico os motivos quando peço para ele (a) faça alguma coisa. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 17. Encorajo-o para que ele (a) melhore se não vai bem na escola. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 18. Incentivo – o (a) dar o melhor de si em qualquer coisa que ele (a) faça. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 19. Interesse-me em saber como ele (a) anda se sentindo. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 20. Ouço o que ele (a) tem para dizer mesmo quando não concordo. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 21. Demonstro carinho para com ele (a). | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 22. Dou força quando ele (a) enfrenta alguma dificuldade ou decepção. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 23. Mostro interesse pelas coisas que ele (a) faz. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 24. Estou atenta às suas necessidades mesmo que ele (a) não diga nada. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |

**POR FAVOR, TENHA CERTEZA DE QUE RESPONDEU A TODAS AS
QUESTÕES, OBRIGADA.**

ANEXO C:
Instrumento Masculino

Nº _____

QUESTIONÁRIO MASCULINO

1. Idade: _____ anos.
2. Sexo () Feminino () Masculino
3. Situação conjugal: () casado oficialmente () morando juntos/união estável
4. Escolaridade: () Ensino fundamental - 1º grau
 () Ensino Médio - 2º grau
 () Ensino Superior - Faculdade
 () Pós-Graduação
 () Sem instrução
5. Você trabalha fora? () sim () não
6. Quantas horas por dia, aproximadamente, você trabalha? _____
7. Em dias de SEMANA, quantas horas por dia, você fica na companhia do(s) seu(s) FILHO(S)? _____
8. Nos FINAIS DE SEMANA, quantas horas por dia, você fica na companhia do (s) seu (s) FILHO(S)? _____
9. Em dias de SEMANA, quantas horas por dia, você fica na companhia da(s) sua(s) ESPOSA/COMPANHEIRA? _____
10. Nos FINAIS DE SEMANA, quantas horas por dia, você fica na companhia da (s) sua (s) ESPOSA/COMPANHEIRA? _____
11. Número de pessoas que moram com você: _____
12. Quem? Enumere _____, _____, _____, _____,
 _____, _____, _____, _____, _____,
 _____.
13. Há quanto tempo você está com a atual companheira? _____
14. Você já foi casado ou viveu como casal anteriormente? () sim () não
15. Quantos filhos você tem? _____
16. Qual a idade deles? _____
17. Para fins de pesquisa, por favor, coloque qual a sua renda pessoal: R\$ _____

Questionário sobre Relacionamento Conjugal

Pensando no seu relacionamento **atual** com sua esposa/companheira, responda as próximas questões. Leia cada afirmativa cuidadosamente e decida pela resposta que melhor descreve como você se sente em seu relacionamento com sua esposa/companheira. Marque com um X a resposta correspondente.

| | Discordo fortemente | Discordo | Concordo | Concordo fortemente |
|--|------------------------|----------|----------|------------------------|
| 1. Minha companheira geralmente sabe das minhas necessidades e é sensível a elas. | | | | |
| 2. Eu realmente aprecio o senso de humor da minha companheira. | | | | |
| 3. Minha companheira parece não querer mais me ouvir. | | | | |
| 4. Minha companheira nunca foi desleal comigo. | | | | |
| 5. Eu estaria disposto a deixar meus amigos se isso fosse salvar nosso relacionamento. | | | | |
| 6. Eu estou insatisfeito com nosso relacionamento. | | | | |
| 7. Eu gostaria que minha companheira não fosse tão preguiçosa e não adiasse as coisas que tem que fazer. | | | | |
| 8. Às vezes, eu me sinto sozinho mesmo quando eu estou com minha companheira. | | | | |
| 9. Se minha companheira me deixasse, eu não teria mais vontade de viver. | | | | |
| 10. Somos capazes de concluir uma discussão respeitando nossas diferenças de opinião. | | | | |
| 11. É inútil prosseguir com um casamento além de um certo ponto. | | | | |
| 12. Nós dois parecemos gostar das mesmas coisas. | | | | |
| 13. Eu acho difícil mostrar para minha companheira que eu estou querendo carinho. | | | | |
| 14. Eu nunca coloco em dúvida nosso relacionamento. | | | | |
| 15. Eu me satisfaço só em sentar e conversar com minha companheira. | | | | |
| 16. Eu acho a idéia de passar o resto da minha vida com minha companheira um tanto chata. | | | | |
| 17. Sempre existe muita troca em nosso relacionamento. | | | | |
| 18. Nós nos tornamos competitivos quando temos que tomar decisões. | | | | |
| 19. Eu sinto que realmente não posso mais confiar na minha companheira. | | | | |
| 20. Nosso relacionamento ainda é cheio de alegria e divertimento. | | | | |
| 21. Um de nós está continuamente falando e o outro está geralmente quieto. | | | | |
| 22. Nosso relacionamento está em constante evolução. | | | | |
| 23. Casamento tem realmente mais a ver com segurança e dinheiro do que com amor. | | | | |
| 24. Eu gostaria que existisse mais carinho e afeto entre nós. | | | | |
| 25. Eu sou totalmente dedicado ao relacionamento com a minha companheira. | | | | |
| 26. Às vezes, nosso relacionamento é tenso porque minha companheira está sempre me corrigindo. | | | | |
| 27. Eu suspeito que nós podemos estar a beira da separação. | | | | |
| 28. Nós sempre conseguimos fazer as pazes rapidamente depois de uma discussão. | | | | |

Pensando em como é a sua relação com sua esposa/companheira atualmente responda às próximas questões. Leia cada afirmativa cuidadosamente e decida pela resposta que melhor descreve como você se sente em seu relacionamento com sua esposa/companheira. Marque com um X o número que corresponde à sua resposta.

| | Quase nunca (1) | Alguma vez (2) | As vezes (3) | Com frequência (4) | Quase sempre (5) |
|---|-----------------------|----------------------|-----------------|--------------------------|------------------------|
| 1. Nós pedimos ajuda um ao outro. | | | | | |
| 2. Quando surgem problemas, chegamos a uma solução em consenso. | | | | | |
| 3. Aprovamos os amigos que cada um de nós tem. | | | | | |
| 4. Somos flexíveis na forma de lidar com nossas diferenças. | | | | | |

| | Quase nunca (1) | Alguma vez (2) | As vezes (3) | Com frequência (4) | Quase sempre (5) |
|---|--------------------|-------------------|-----------------|-----------------------|---------------------|
| 5. Gostamos de fazer coisas juntos. | | | | | |
| 6. Qualquer um de nós atua como líder em nosso relacionamento. | | | | | |
| 7. Nos sentimos mais próximos um do outro que de pessoas alheias à nós. | | | | | |
| 8. Mudamos a forma de executar nossas tarefas. | | | | | |
| 9. Gostamos de passar nosso tempo livre juntos. | | | | | |
| 10. Tentamos maneiras novas de resolver os problemas. | | | | | |
| 11. Nos sentimos muito próximos um do outro. | | | | | |
| 12. Em nossa relação tomamos as decisões juntos. | | | | | |
| 13. Compartilhamos gostos e interesses. | | | | | |
| 14. As regras mudam em nossa relação. | | | | | |
| 15. Facilmente pensamos em coisas que podemos fazer como casal. | | | | | |
| 16. Alternamos as responsabilidades da casa. | | | | | |
| 17. Consultamos um ao outro em nossas decisões. | | | | | |
| 18. É difícil identificar quem é o líder em nossa relação. | | | | | |
| 19. Nossa união é prioridade. | | | | | |
| 20. É difícil dizer quem de nós faz as tarefas domésticas. | | | | | |

As questões abaixo são uma lista de assuntos sobre os quais os casais normalmente discordam. Com que frequência, no último ano você teve desentendimentos abertos com sua esposa com relação aos seguintes tópicos? Marque com um X o número que corresponde à sua resposta.

| | Nunca (1) | Uma vez ao mês ou menos (2) | Diversas vezes ao mês (3) | Aproximadamente uma vez por semana (4) | Diversas vezes por semana (5) | Quase todos os dias (6) |
|---------------------------------------|--------------|--------------------------------|------------------------------|---|----------------------------------|----------------------------|
| 1. Tarefas Domésticas | | | | | | |
| 2. Dinheiro | | | | | | |
| 3. O tempo que vocês desfrutam juntos | | | | | | |
| 4. Sexo | | | | | | |
| 5. Os filhos | | | | | | |
| 6. Questões legais | | | | | | |

Existem várias maneiras de um casal lidar com desentendimentos sérios. Quando você tem um desentendimento sério com sua esposa com que frequência você?

| | Nunca (1) | Raramente (2) | Algumas vezes (3) | Freqüentemente (4) | Sempre (5) |
|--|--------------|------------------|----------------------|-----------------------|---------------|
| 1. Discute intensamente ou grita: com sua esposa? | | | | | |
| 2. Discute calmamente com sua esposa? | | | | | |
| 3. Acaba batendo ou atirando coisas em sua esposa? | | | | | |

QUESTIONÁRIO SOBRE SEU FILHO

Neste instrumento você vai responder as perguntas pensando em seu filho adolescente. Abaixo há uma série de frases sobre atitudes de mães. Para cada uma delas marque, no número à direita, a resposta que melhor se aproxima à sua opinião de acordo com a chave de respostas abaixo. Assinale apenas uma resposta por frase, e não deixe nenhum item sem resposta.

Se você tem mais de filho adolescente escolha um e pense nele ao responder o questionário. Indique o sexo e a idade do filho sobre o qual responderá o questionário:

Sexo _____ Idade _____

| <i>A respeito do teu filho considera as seguintes frases:</i> | |
|---|--|
| 1. Sei aonde ele vai quando sai de casa. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 2. Controlo suas notas no colégio. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 3. Exijo que ele (a) vá bem na escola. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 4. Imponho limites para as suas saídas de casa. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 5. Cobro dele quando faz algo errado. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 6. Tenho a última palavra quando discordamos sobre um assunto importante a seu respeito. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 7. Controlo os horários de quando ele está em casa e na rua. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 8. Faço valer as minhas opiniões sem muita discussão. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 9. Exijo que ele (a) colabore nas tarefas de casa. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 10. Cobro que ele (a) seja organizado (a) com as suas coisas. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |

| | |
|--|--|
| 11. Sou firme quando imponho alguma coisa. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 12. Puno-o de algum modo se desobedece a uma orientação minha. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 13. Ele (a) pode contar com a minha ajuda caso ele (a) tenha algum tipo de problema. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 14. Incentivo que ele (a) tenha suas próprias opiniões sobre as coisas. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 15. Encontro um tempo para estar com ele (a) e fazermos juntos algo agradável. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 16. Explico os motivos quando peço para que ele (a) faça alguma coisa. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 17. Encorajo-o para que ele (a) melhore se não vai bem na escola. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 18. Incentivo – o (a) dar o melhor de si em qualquer coisa que ele (a) faça. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 19. Interesse-me em saber como ele (a) anda se sentindo. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 20. Ouço o que ele (a) tem para dizer mesmo quando não concordo. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 21. Demonstro carinho para com ele (a). | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 22. Dou força quando ele (a) enfrenta alguma dificuldade ou decepção. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 23. Mostro interesse pelas coisas que ele (a) faz. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |
| 24. Estou atento às suas necessidades mesmo que ele (a) não diga nada. | Quase nunca (0) Raramente (1) Às vezes (2) Geralmente (3) Quase sempre (4) |

POR FAVOR, TENHA CERTEZA DE QUE RESPONDEU A TODAS AS QUESTÕES, OBRIGADA.